

FABIO ATTARD – MIGUEL ÁNGEL GARCÍA

O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana
a serviço dos jovens

Tradução:
P. José Antenor Velho



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

A883c Attard, Fábio

O acompanhamento espiritual: Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens. - L'Accompagnamento Spirituale - Itinerario pedagogico spirituale in chiave salesiana al servizio dei giovani / Fábio Attard; Miguel Ángel García; Tradução P. José Antenor Velho. -- Brasília, DF: EDB, 2015.

436 p.; 23,5 x 16,5 cm
– (Espiritualidade e Pedagogia Salesiana)
Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-85-7741-276-1

1. Salesianos - Vida espiritual. 2. Direção espiritual. 3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 - Ensinaamentos. 4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622. 5. Vida cristã. 6. Fé I. Ángel García, Miguel. II. Velho, P. José Antenor, trad. III. Título. IV. Itinerário pedagógico-espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens.

CDD 248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Salesianos - Vida espiritual
2. Direção espiritual
3. Bosco, João, Santo, 1815-1888 – Ensinaamentos
4. Francisco, de Sales, Santo, 1567-1622
5. Vida cristã
6. Fé

Revisão : Zeneida Cereja da Silva
Diagramação: Helkton Gomes

Todos os direitos reservados à
EDITORA DOM BOSCO
SHCS - Quadra 505, Bloco B, sala 65
Asa Sul - Brasília-DF-70350-525
Tel.: (61) 3214-2300
www.edbbrasil.org.br

A DIREÇÃO ESPIRITUAL EM SÃO FRANCISCO DE SALES

Linhas fundamentais do método espiritual e pedagógica na perspectiva salesiana

Eunan McDONNELL, sdb

A direção espiritual na tradição salesiana é particularmente adequada para os jovens. A fim de entrar no mundo juvenil neste nível há necessidade de flexibilidade, pois a nossa intervenção depende das necessidades dos jovens. Consequentemente, a viagem tem início normalmente com situações informais, nas quais o diretor espiritual e o jovem atuam em atividades sem relação direta com a direção espiritual. De modo particular, no início da relação de direção espiritual, é preciso, da parte do diretor, uma grande flexibilidade para sintonizar-se com o jovem. Esta “espiritualidade da disponibilidade” é essencial, pois quem orienta deixa de lado os projetos pessoais para dar espaço às necessidades do jovem. Nas etapas iniciais, enquanto cresce a relação de confiança, os encontros podem ser breves e frequentes na vida cotidiana. Mais adiante, os encontros podem ser mais formais, regulares na frequência e também agendados.

Para responder às necessidades dos jovens, não podemos prejudicar pelos contextos culturais e, consequentemente, devemos compreender as várias influências (por exemplo, o grupo, as mídias, a situação familiar, a história pessoal, as normas culturais etc.), que modificam seus valores e seu ponto de vista. A espiritualidade salesiana sabe adequar-se para responder a estes desafios, porque tem um estilo pessoal e relacional, que procura encontrar o jovem onde ele/ela está. Isso se exprime, sobretudo, com a simbologia do *coração*. Como diz Power:

“As espiritualidades que se fundamentam em um modo específico de oração ou ao redor de um serviço concreto ou estilo de vida, não podem ter a flexibilidade de uma espiritualidade que se constrói a partir do coração”.¹

¹ J. F. POWER, *Francis de Sales: Finding God Wherever You Are*, New City Press, Nova Iorque 1993, 17.

Não obstante, antes de aprofundar a centralidade do coração na direção espiritual salesiana, é preciso estabelecer claramente os objetivos da direção espiritual na tradição salesiana.

1. OS OBJETIVOS DA DIREÇÃO ESPIRITUAL NA TRADIÇÃO SALESIANA

O objetivo para o qual tendemos, desde a perspectiva salesiana, é claramente expresso no programa salesiano: “viver Jesus”. Esta locução, simples na aparência, manifesta o desenvolvimento de um modelo de crescimento que se amplia na espiritualidade salesiana. De fato, “Deus não pode crescer, mas pode crescer em nós”.² Na perspectiva teológica salesiana, a encarnação não é apenas uma realidade histórica acontecida no passado, mas um “acontecimento metafísico e pessoal contínuo [...]. É um acontecimento que se renova perpetuamente no coração de cada pessoa [...]. Somos formados de novo, não como servos, mas como amigos, pela sua divina Complacência”.³ Assim se realiza a promessa joanina: “Rogo, ó Pai, para que todos sejam um, assim como tu estás em mim e eu estou em ti; para que eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). Jesus Cristo não é simplesmente um modelo exterior a imitar, mas Ele mesmo imprime o seu mistério em nosso coração.

“Se seguimos as suas sugestões e começamos a nos unir a Ele [...], [Ele] sustenta os nossos frágeis esforços e une-se a nós de maneira que possamos perceber que Ele entrou em nós, em nosso coração, com incomparável doçura”.⁴

Dessa forma, a imagem de Deus assume em nós configuração cristológica. Mediante a encarnação, o nosso ser humano reveste-se da beleza do Filho que, também mediante a encarnação, restabelece a nossa imagem na sua beleza originária, “readquirindo, através da sua morte, a imagem e semelhança impressas em nós”.⁵

² OEA IV, 277. Os escritos de S. Francisco de Sales estão recolhidos nos XXVI volumes da edição *Oeuvres de saint François de Sales. Évêque et Prince de Genève et Docteur de l'Église*. Édition complete d'après les autographes et les éditions originales, enrichie de nombreuses pièces inédites, 27 vols.; *Lettres XI-XXI*, Monastère de la Visitation, Annecy 1892-1932, abreviado como: OEA, tomo e pagina [N.d.C].

³ C.F. KELLEY, *The Spirit of Love*, Harper & Bro, Nova Iorque 1951, 59.

⁴ OEA V,11.

⁵ OEA X, 273.

A nossa comunhão com o Corpo de Cristo prolonga o mistério da Encarnação na medida em que “vivemos Jesus”. Numa homilia de Natal, S. Francisco afirma que “assim como Jesus nasceu de Maria Virgem por obra do Espírito Santo,⁶ assim também Jesus quer nascer nesta noite em nossos corações humanos por obra do Espírito Santo”.⁷ Portanto, “a Encarnação, para Francisco de Sales, continua nos corações dos seres humanos através da ação do Espírito”. Como afirma a beata Isabel da Trindade:

“O Espírito de Amor [...] cria em minha alma uma espécie de encarnação da Palavra; dessa forma, cria em mim outra humanidade para Jesus, em que Ele possa renovar o seu Mistério”.⁸

Mediante a transformação em Cristo, quando começamos a “viver Jesus”, somos “renovados na mente e no espírito, revestidos do homem novo, criado segundo Deus” (Ef 4,23-24). A meta do itinerário espiritual, e também a tarefa do diretor espiritual, é facilitar uma abertura ao Espírito Santo que permita a nossa transformação em Cristo.⁹ Esta transformação precisa especialmente da união da nossa vontade com a de Deus mediante um “abandono por amor” à imitação d’Aquele “cujo alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou” (Jo 4, 34).¹⁰

A espiritualidade “do abandono por amor” é principalmente prática; de fato, ela consiste num morrer contínuo de si mesmo para responder às exigências concretas da vida cotidiana mediante a humildade, a bondade (*amorevolezza*)

⁶ OEA VIII, 125 *Sermon of Christmas Vigil*, 24th December 1613.

⁷ D. MANALEL, “Holy Spirit: A Salesian understanding”: *Indian Journal of Spirituality*, 11 (1998) 347.

⁸ ELIZABETH OF THE TRINITY, *I Have Found God: Complete Works*. Vol. I: *General Introduction, Major Spiritual Writings*, ed. Conrad de Meester, Carmelite. Trans. by Sister Aletheia Kane, O.C.D., ICS Publications, Washington 1984, 183-184.

⁹ Quando esta união de vontade é perfeita, a pessoa chegou à perfeição cristã, à transformação em Deus através do amor, um matrimônio espiritual com o cônjuge da nossa alma, Jesus Cristo. Para S. João da Cruz e S. Teresa d’Ávila, esta união de vontade é o estado de perfeição nesta vida. É também o matrimônio espiritual. É também a transformação da pessoa em Deus através do amor. S. João da Cruz é do parecer de que bem poucos chegam ao estado final no qual são, assim, completamente transformados em Deus.

¹⁰ “No Getsêmani, quando sua alma ‘estava triste até a morte’, [Ele] rezava para que o cálice da paixão lhe pudesse ser tirado. Mesmo se esteve inclinado a evitar a dor e o sofrimento, contudo, na parte superior do seu espírito aderiu constantemente à vontade eterna e ao decreto de seu Pai celeste [...]. Apesar da repugnância da parte inferior da razão, ele disse: ‘Ah, não, meu Pai, não se faça a minha, mas a tua vontade’” (*Traité de l’Amour de Dieu*, in OEA, IV, 63).

e a simplicidade.¹¹ A atenção à presença de Deus no cotidiano está no centro da espiritualidade salesiana. Não devemos esperar ocasiões extraordinárias para manifestar o nosso amor a Deus, mas somos convidados de maneira prática às exigências que vêm ao nosso encontro, pois “não as escolhemos nós mesmos, mas as aceitamos como enviadas por Deus, e o seu Projeto é sempre melhor do que o nosso”.¹² A pequenez das virtudes salesianas oculta a sua profundidade; na verdade, vividas em união com Deus, elas adquirem um significado redentor. A ascensão nas virtudes transforma-se, mediante o amor, na prática mística de “reviver em nosso coração e reproduzir em nossa vida, a mesma e única adesão de Cristo ao Pai e ao próximo através da bondade (*amorevolezza*) e da humildade”¹³. O que nos permite compreender porque o convite de Jesus no evangelho de Mateus está no coração do projeto salesiano: “Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29-30). Mediante a fidelidade às pequenas virtudes, S. Francisco de Sales ensina que “o coração passa através de uma grandíssima transformação até a imagem e semelhança do coração de Cristo e, libertando-se por meio da prática do desapego, torna-se cheio de mansidão e de humildade”.¹⁴ Mediante a nossa participação em Cristo, por meio da vida da graça, recebemos aquilo que Ele possui por natureza: a divinização. Como um ímã, nós somos atraídos por Deus, nosso “ímã dos corações”.¹⁵ Em consequência, como o metal recebe do ímã as suas qualidades, assim também nós somos “imantados” por Deus. Se nos deixamos “tocar” por Deus, nos divinizamos, compartilhando as mesmas qualidades de Deus. Esta “divinização”, não obstante, é condicionada à resposta da nossa vontade livre à graça de Deus, que procura conduzir-nos a uma relação íntima com Ele.

¹¹ Brezzi observa que no interior da espiritualidade salesiana as mortificações corporais devem ser substituídas por mortificações de si mesmo através da doçura e da humildade. Assim fazendo, ele insiste que o verdadeiro fulcro de toda a ascese está na mortificação da vontade e que sem a vida interior, os atos exteriores perdem o seu significado (cf. P. BREZZI, “San Francesco di Sales e il suo Tempo”: *Salesianum*, 30 (1968) 433-434).

¹² *OEA* III, 154.

¹³ T. A. Mc HUGH, “The Distinctive Salesian Virtues: Humility and Gentleness”: *Salesian Studies* (October 1963) 53. Cf. “Introduzione”, parte III cap.4-10; *Conferenze Spirituali*, cap. XIII. Cartas in *OEA* XII, 271; XIII, 58,194 ; XIV, 5, 237-238; XV, 51; XVIII, 390; XXI, 1.

¹⁴ G. POCHAT, *François de Sales et la Pauvreté*, Éditions S.O.S., Paris 1988, 129.

¹⁵ “Sê um ímã para o meu coração” (*OEA* V, 19). Isso explica o motivo pelo qual ele faz uso constante de termos expressivos como “união”, “adesão” e “atrair”. Veja-se também *OEA* VIII, 153.

2. A CENTRALIDADE DO CORAÇÃO

A “maneira de proceder”, como se encontra na *Introdução à Vida Devota*, inicia com o coração. S. Francisco é cético diante dos que se detêm no exterior, e escreve:

“Quanto a mim, jamais fui capaz de aprovar o método de quem, para reformar alguém, começa a partir de fora, pela aparência, pela maneira de vestir, pelos cabelos. Ao contrário, eu sinto que é necessário iniciar a partir de dentro”.¹⁶

S. Francisco de Sales estava convencido de que “aqueles que têm Jesus em seu coração, logo o terão em todas as suas manifestações exteriores. Por isso, quero apresentar-vos o lema ‘Viva Jesus!’”. Se o nosso caríssimo Jesus vive em vosso coração, Ele logo viverá também em vossa conduta, e se manifestará em vossos olhos, boca, mãos; em todos os lugares. Com S. Paulo, sois capaz de dizer: ‘Não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim (Gl 2,20)’”.¹⁷ Ao mesmo tempo, Francisco também é cético diante daqueles que proclamam ter entregado seus corações a Jesus e, apesar disso, “não estão prontos a fazer com que a sua vontade coincida com a do Senhor”.¹⁸ A prova de que “vivemos Jesus” em nós não é medida pelos sentimentos piedosos ou pelas experiências religiosas, mas pela realização da vontade de Deus segundo a nossa vocação ou estado de vida.

Por isso, não deve surpreender que a espiritualidade salesiana deseje sublinhar a importância da interioridade.¹⁹ Como diz François Corrigan, “a interioridade é, ao mesmo tempo, um princípio de vida cristã e um método apostólico”.²⁰ A interioridade “não é sinônimo de introspecção ou emotividade religiosa; S. Francisco fala mais de interioridade bem ordenada, onde reina a razão. O coração deve ser guiado pela razão”.²¹ A razão é uma ajuda importante para impedir que

¹⁶ OEA III, 23. Encontra-se tema semelhante no início dos *Exercícios Espirituais* em que S. Inácio estabelece a finalidade fundamental da oração. Ele escreve: “De fato, não é saber muito que sacia e satisfaz a alma, mas sentir e apreciar as coisas interiormente” (*Esercizi Spirituali*, 2).

¹⁷ OEA III, 27.

¹⁸ OEA XII, 348. *Letter to Président Brûlart*, 13th October 1604.

¹⁹ Cf. M. BERGAMO, *L'Anatomie de l'âme: de François de Sales à Fenelon*, Jerome Millon, Paris, 1994, 7–14.

²⁰ F. CORRIGAN, *The Spirituality of Francis de Sales a way of Life*, S.F.S Publications, Bangalore 1992, 24.

²¹ Cf. L. FIORELLI, “Holiness Today” in <www.oblates.org/spirituality/online_articles/holiness_today.doc>.

tomemos decisões impulsivas e para distinguir o que é realmente bom do que apenas nos parece bom. Evita que tomemos decisões guiadas só pelo nosso modo de pensar e pela interpretação errada dos fatos, como também pelos juízos feitos segundo um discernimento superficial dos espíritos. Corrignan distingue entre ser racional e ser razoável: “o racional refere-se à lógica, o razoável é também lógico, mas nunca se detém no abstrato, deve sempre estabelecer uma relação com a vida”.²² A ênfase na razão não nega o valor das emoções; antes, as emoções são como uma harpa,²³ que ressoa belas melodias se for bem afinada, mas é dissonante se não for guiada pela razão e, conseqüentemente, torna-se desordenada.²⁴ Mesmo quando reconhecemos nossas faltas e fragilidades, devemos utilizar a razão para corrigir-nos, porque “quando um juiz se deixa guiar em suas decisões pela razão e procede serenamente, pode castigar os delinquentes com muito maior justiça do que quando age guiado pela violência e pela paixão”.²⁵ Este é um princípio fundamental da direção espiritual salesiana, que recorda o sistema preventivo de Dom Bosco na educação, no qual devemos atuar sempre com bondade (*amorevolezza*), porque garante assim um sucesso razoável que promove o crescimento e o desenvolvimento. S. Francisco escreve:

“Não devemos dar muito valor a correções fundamentadas na paixão, mesmo quando acompanhadas pela razão, mas àquelas fundamentadas apenas na razão”.²⁶

A razão permite-nos agir equilibradamente, e os jovens em processo de desenvolvimento humano e espiritual precisam de acompanhamento para ser moderados e evitar os excessos. Seguindo apenas as nossas tendências naturais, corremos o risco de enfatizar nossos defeitos e erros, e isso terá um impacto negativo sobre o equilíbrio da nossa vida. S. Francisco convida os que tendem muito ao intelectual, racional e lógico a cultivarem a sua parte cordial, afetiva e intuitiva. Por outro lado, os que tendem mais à afetividade, à emoção e aos sentimentos deveriam cultivar

²² F. CORRIGNAN, *The Spirituality of Francis de Sales*, cit., 36.

²³ *OEA* VIII, 355.

²⁴ S. Francisco compartilha este ponto de vista com Tomás de Aquino, que considerava até mesmo a experiência das emoções como parte da nossa perfeição moral, porque o controle dos movimentos dos nossos apetites sensíveis pertence à virtude. S. Francisco insiste nesta ideia quando afirma que as paixões são boas ou más conforme o amor do qual procedem (cf. *Traité de l'Amour de Dieu*, in *OEA*, IV, 32-34).

²⁵ *OEA* III, 166-167, 150. Veja-se também, *OEA* III, 167, 169.

²⁶ *OEA* III, 163.

a própria dimensão racional e razoável. Se fores lento e distraído, procura caminhar com maior atenção. Se, porém, és hiperativo, toma as coisas com serenidade e tranquilidade. Dessa maneira, cada um de nós obterá, com o tempo, um maior equilíbrio. Tudo isso prevê que vivamos de maneira racional, o que para Francisco significa viver buscando sempre o centro do nosso ser, o nosso coração.

Este “viver a partir do coração” tem suas raízes na tradição monástica. S. Francisco é reconhecido como aquele que soube “tirar a espiritualidade cristã do contexto monástico em que fora encerrada ao longo de muitos séculos”.²⁷ A separação monástica em relação ao mundo foi substituída pelo convite para Filoteia entrar no próprio coração durante suas atividades. Escreve: “Nossos trabalhos nem sempre são tão importantes a ponto de nos impedirem de desligar o nosso coração para retirar-nos na solidão com Deus”.²⁸ Em todo caso, o movimento para o interior deve ser acompanhado pelo movimento para o exterior, segundo a imagem da diástole e sístole do coração. Encontramos esquema semelhante quando aconselha S. Joana Francisca, “enquanto Abadessa do mosteiro, a viver interiormente como Maria a vida de religiosa e cuidar ao mesmo tempo de sua família enfrentando os trabalhos de casa”.²⁹ Retirar-se no coração coincide com a tradição monástica; só muda o cenário: agora, o “mundo” substitui o mosteiro.

O *reditus ad cor* (retorno ao coração) monástico é o eixo da tradição salesiana da direção espiritual. Como afirma Jean-Marie Howe:

“A viagem para casa é uma viagem para o coração. A vida monástica é como um dedo que aponta para mais além, indicando o caminho que leva ao centro mais profundo, o verdadeiro eu: o caminho do *reditus ad cor*. Quando retornamos ao nosso coração, retornamos a nós mesmos; garantimos a paisagem interior do coração como nossa. A vida monástica é essencialmente um processo que desperta o coração adormecido, libertando a vida que há dentro de nós, e seguindo a sua orientação”.³⁰

Trata-se de uma das primeiras finalidades da direção espiritual salesiana: colocar os jovens na situação de poderem religar-se ao centro do próprio ser, o

²⁷ J. AUMANN, *Christian Spirituality in the Catholic Tradition*, Sheed & Ward, Londres 1985, 212.

²⁸ OEA III, 93, 97. A Segunda Parte da “Introdução”, cap. 12, é dedicada ao tema do retirar-se ou entrar no próprio coração para estar em união com o Senhor.

²⁹ *Letter to Jane Frances de Chantal*, June 8th 1606, OEA, XIII, 181-192, Carta CCCLI.

³⁰ J-M. HOWE, *Secret of the Heart: Spiritual Being*, Cistercian Publications, Kalamazoo, Michigan 2005, 35.

próprio coração, a fim de tomarem as decisões com o coração. Mas o que é este coração?

Não é fácil definir o “coração” na espiritualidade salesiana, porque o próprio Francisco “nem sempre utiliza este vocábulo para entender a mesma realidade”.³¹ Assim também Wright:

“Em nenhuma parte dos escritos de S. Francisco ou da Chantal há o propósito de definir o termo ‘coração’ ou conduzir uma teologia ou antropologia sistemática fundamentada na compreensão do que signifique a imagem do coração. Trata-se mais de uma imagem de riqueza polivalente, que leva ao significado da dinâmica central das duas pessoas, a humana e Deus”.³²

Morand Wirth considera que o primado do coração na espiritualidade salesiana é testemunho da originalidade do “humanismo cristão” de Francisco de Sales. Ele afirma que os humanismos contemporâneos a Francisco, que conheciam como ele as ideias e a linguagem da antiguidade, não evidenciaram o significado do coração. Conclui que a importância do coração no vocabulário salesiano deriva de alguma maneira do uso comum e universal do coração para descrever a sensibilidade e a interioridade da pessoa; mas é também devedor da tradição bíblica, compartilhada por S. Francisco, na qual o coração é considerado como sede das faculdades, especialmente do amor, da vontade e da inteligência.³³ Esta última maneira de entender coloca a espiritualidade salesiana decididamente no âmbito da espiritualidade cristã clássica.

S. Teresa de Ávila tem um pensamento semelhante quando nos apresenta em seu *Castelo* seis etapas ou “moradas”, que percorremos em nosso itinerário para a união com Deus: Ele vive justamente na sétima morada, no centro da pessoa humana. S. João da Cruz, no início do *Cântico*, reserva aos seus leitores estas palavras:

³¹ R. MERCIER, “Spiritual Direction: Prophetic Insight and Pastoral Guidance Methods of Prayer according to St Francis de Sales”: *Indian Journal of Spirituality* 18 (2005) 350.

³² W. M. WRIGHT, “‘That is What it is Made for’: The Image of the Heart in the Spirituality of Francis de Sales and Jane de Chantal”, in *Spiritualities of the Heart*, ed. A. Callahan, Paulist Press, New York & Mahwah (NJ) 1990, 143-144.

³³ M. WIRTH, *Francesco di Sales e l’Educazione: Formazione umana e umanesimo integrale*, Las, Roma 2006, 351.

“Ó alma bellissima entre todas as criaturas, que tanto desejas conhecer o lugar onde se encontra o teu Dileto, para encontrá-lo e unir-te a Ele! Já te foi dito que tu mesma és o lugar no qual Ele habita e o refúgio onde se oculta. Podes alegrar-te ao saber que todo o teu bem e toda a tua esperança está tão próxima de ti, a ponto de habitar dentro de ti ou, dizendo melhor, que tu não podes viver sem Ele: Sabei – diz o Esposo – que o reino de Deus está dentro de vós (Lc 17,21)”.³⁴

Aquilo que estes escritores espirituais testemunham, e S. Francisco de Sales evidencia, é que o Deus com quem queremos estar unidos não está distante ou além de nós, mas no interior do nosso verdadeiro ser. S. Francisco proclama, até mesmo de maneira audaciosa, que a pessoa humana é “o paraíso dos paraísos”, porque se o paraíso terrestre foi criado para ser a nossa morada, nós mesmos fomos criados para ser “morada de Deus”. É um tema que aparece frequentemente em Francisco. “Deus fez o nosso coração para que fosse o seu paraíso”.³⁵ O itinerário espiritual, conseqüentemente, é uma viagem para o interior no qual, na fé, atravessamos as várias etapas de união com o Deus que mora nas profundezas do nosso ser; em linguagem salesiana, no nosso coração. Uma das convicções fundamentais da espiritualidade salesiana é, portanto, a de não pensar que levamos aos jovens um Deus distante deles, mas caminhamos com eles na descoberta do Deus que habita em seus corações. Evidentemente, pressupõe-se que o acompanhante ou diretor espiritual já tenha feito essa viagem para dentro do próprio coração, de modo que possa caminhar com os jovens na descoberta da presença de Deus.

Este misterioso centro da pessoa humana onde Deus habita foi imaginado de maneiras variadas por diversos escritores espirituais. S. Paulo apresenta brevemente esta realidade espiritual como as profundezas da pessoa humana: “vós sois o templo de Deus” (1Cor 3,16). S. Francisco continua na mesma linha e serve-se da imagem do Templo de Jerusalém para ajudar a compreender a misteriosa realidade do coração humano, onde mais claramente revelamos a Deus, à imagem e semelhança de quem fomos criados. Assim como no templo judaico era preciso atravessar diversas salas para chegar ao santuário mais interior, o Santo dos Santos, também acontece com a pessoa humana: precisamos passar através

³⁴ “The Spiritual Canticle”, stanza 1, pars 7 and 8 in: K. KAVANAUGH, O. RODRIGUEZ [transcr.], *The Collected Works of St. John of the Cross*, ICS. Publications, Washington 1991, 480.

³⁵ No projeto original do livro Cinco do *Tratado*, quando S. Francisco escreve sobre o modo com que o amor se vale das virtudes cardeais, ele usa a imagem dos quatro rios do paraíso. É neste contexto que ele descreve o coração humano como morada, paraíso de Deus.

dos tabernáculos externos do corpo, além dos sentidos, até o tabernáculo interior da alma ou do coração. No coração há também outra série de ‘salas’ que devemos atravessar para chegar ao ponto supremo do nosso espírito. É o nosso santuário interior, o nosso “Santo dos Santos” onde habitam o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Para indicar o caráter sagrado do ponto supremo do nosso espírito, que se assemelha ao santuário interior do templo, onde ninguém podia entrar a não ser o Sumo Sacerdote; a única luz permitida era a que passava através da porta, porque não havia nenhuma janela. Assim como no interior desse santuário se encontra o lugar onde Deus habita de maneira especial, assim também o ponto supremo do nosso espírito é o lugar onde se exprime maximamente a *imago Dei*. Francisco afirma: “Como o coração do teu coração, a tua alma é o templo de Deus”. É esse o lugar aonde Francisco convida Filoteia a retirar-se, mesmo em meio aos seus trabalhos, para “abençoá-lo, invocá-lo com sentimentos ocultos, orações espontâneas e bons pensamentos”. Não importa o que possamos sentir (alegria ou tristeza, amargura ou paz), Francisco afirma que este “ponto supremo do nosso espírito” deve ser “a tua bússola, que te permita ver e tender para o amor de Deus, o teu Criador, único e soberano Bem”.³⁶

Quando Francisco fala do “ponto supremo” da alma, não se refere a uma disposição natural, mas a uma realidade sobrenatural que recebemos mediante o dom do Espírito que brota do peito aberto de Jesus, de modo que o seu Espírito é derramado nos nossos corações (Rm 5,5). Referimo-nos às virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade, que recebemos no batismo, como dons do Espírito Santo. Francisco afirma explicitamente:

“Eu falo neste *Tratado* sobre o amor sobrenatural que, em sua Bondade, Deus derrama nos nossos corações, e que se encontra no ponto mais elevado do nosso espírito, ponto que está acima do que resta da nossa alma, e que é independente da nossa disposição natural”.³⁷

Isso está a indicar que se trata de uma realidade sobrenatural, de um dom da nossa vida em Cristo; e envolve um despertar do nosso coração diante do dom que recebemos no batismo.

³⁶ *OEA* III, 317.

³⁷ *Ibid.*

3. HÁ UM MÉTODO “SALESIANO” DE DIREÇÃO ESPIRITUAL?

Falamos do ponto inicial e da meta da direção espiritual na tradição salesiana: começar do coração, de maneira que possamos alcançar a meta, que é a nossa transformação, quando, então, deixamos *Jesus viver em nós*, mediante a união da nossa vontade com a de Deus. Não obstante, há um método salesiano específico de direção espiritual, que nos leve do ponto inicial à meta que indicamos? É verdade que Francisco de Sales apresenta diversas recomendações em suas cartas de direção espiritual, e também a *Vida Devota* nos apresenta de algum modo um método que não é diferente dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio.³⁸ Sobre isso, Francisco escreve:

“Pode acontecer algumas vezes que, logo após a preparação, sentes que teus afetos caminham todos para Deus. Nesse caso, deves deixá-los livres, e não seguir o método que te apresentei. Habitualmente, a consideração deve preceder os afetos e as resoluções. Embora o Espírito Santo te conceda os afetos antes das considerações, não deves preocupar-te com a consideração; esta serve, de fato, apenas para despertar os afetos. Numa palavra, no momento em que os afetos se apresentam, deves aceitá-los e dar-lhes espaço, quer venham antes ou depois da consideração”.³⁹

Há, na direção espiritual salesiana, uma forte hesitação em seguir um “método”. S. Joana Francisca de Chantal escreve: “O melhor método de oração é aquele de não ter nenhum método, porque não se obtém a oração através de uma técnica, mas através da graça”.⁴⁰ S. Francisco critica os métodos, quando declara:

“É um erro frequente pensar que devemos fazer uma série de coisas, utilizar diversos métodos para poder rezar bem. Encontrarás gente realmente ansiosa para utilizar todos os meios possíveis a fim de adquirir alguma arte especial que acreditam ser essencial para rezar adequadamente. Nunca terminam de buscar e explorar na própria oração, para ver se podem fazer com que coincida com a própria satisfação. Alguns pensam até mesmo que não deveriam nem sequer tossir ou fazer o menor movimento, por temor de que o Espírito Santo

³⁸ Para a apresentação completa de uma metodologia salesiana de direção espiritual que chegue amplamente a todas estas fontes, veja-se D. MANALEL, *Spiritual Direction: A Methodology*, SFS Publications, Bangalore 2005.

³⁹ *OEA* III, 85.

⁴⁰ Cit. in J. PHILIPPE, *Time For God: A Guide to Prayer*, St Paul's Press, Londres 2005, 12.

vá embora. Que grande disparate! Como se o Espírito Santo fosse tão delicado, e quisesse exigir um método particular ou posições especiais das pessoas em suas orações”.⁴¹

A aversão salesiana a um método será uma maneira de reconhecer que é Deus quem toma a iniciativa, convidando-nos a segui-lo? Esta compreensão freia-nos na tendência humana de controlar o seu processo. Em outras palavras, a falta de método evoca a vigilância bíblica, na qual o coração é convidado a permanecer atento para responder às emoções espirituais, quando estas se manifestam. Diversamente de outros autores espirituais, que descrevem com clareza as etapas do itinerário espiritual, S. Francisco declara que a pessoa é sempre um principiante porque “no mosteiro da vida devota, cada qual sabe que é sempre um noviço, e que a vida inteira é uma prova”.⁴² O que tem a vantagem de prevenir aqueles que são dirigidos de se focarem sobre si mesmos, procurando, por outro lado, colocar-se no itinerário espiritual. S. Francisco aconselha:

“Queres contemplar a Deus? Orienta, então, o teu olhar para Ele, e permanece atento. Se voltas, porém, o teu olhar sobre ti mesmo para veres como és, então não estás mais atento a Deus, mas à tua conduta, a ti mesmo”.⁴³

A ausência de método e o esforço de estar atento a Deus incentiva a abertura para ser conduzido pelo Espírito Santo. Se o Espírito nos orienta por um caminho diferente, então devemos seguir este último, percebendo que “é plenamente verdade que nem todos nós caminhamos pela mesma estrada”.⁴⁴ S. Francisco sublinha, como consequência, a liberdade de espírito.⁴⁵ Como toda virtude, a liberdade de espírito leva-nos por um caminho intermédio entre dois polos: de um lado, evita “a instabilidade, que é excesso de liberdade”; de outro, afasta-nos “da obrigação, que é perda de liberdade”.⁴⁶ Um dos princípios fundamentais da espiritualidade salesiana evidencia a sua importância, quando escreve a S. Joana Francisca em letras maiúsculas:

⁴¹ OEA IV, 337.

⁴² OEA V, 130.

⁴³ *Ibid.*, pp. 140-141.

⁴⁴ OEA VI, 207.

⁴⁵ Para uma exposição detalhada sobre *l'ésprit de liberte* veja-se: Eunan Mc DONNELL, *The Concept of Freedom in the Writings of St Francis de Sales*, Peter Lang, Berna 2009, 406-410.

⁴⁶ OEA XII, 363-7.

FAZE TUDO POR AMOR, NADA POR FORÇA; AMA MAIS A OBEDIÊNCIA DO QUE TEMAS A DESOBEDIÊNCIA.⁴⁷

No centro desta insistência salesiana, mais na doçura do que na coação, está a convicção fundamental de que tudo deve ser feito por amor e não por obrigação, porque a vontade não pode ser forçada a mover-se numa direção que lhe seja oposta. A gentileza, se quisermos, corresponde à liberdade de espírito.

A liberdade de espírito é uma das características da direção espiritual salesiana, reconhecida universalmente pelos comentaristas de S. Francisco. Wright e Power afirmam que “os diretores não devem ater-se a métodos especiais de oração, mas promover uma atenção especial aos diversos movimentos que Deus suscita na diversidade das pessoas”.⁴⁸ William Marceau acrescenta que S. Francisco não pretendia impor ideias ou métodos àqueles a quem ele dirigia, mas considerava a direção espiritual como uma “discreta e respeitosa colaboração na obra de Deus”.⁴⁹ Este tipo de direção espiritual foi praticado de maneira extraordinária por S. Francisco, e S. Joana Francisca de Chantal evidencia:

“Preferia deixar as almas plenamente livres, para que o Espírito pudesse guiá-las, enquanto ele mesmo as acompanhava, deixando que as almas agissem movidas por inspiração divina mais do que por suas instruções pessoais”.⁵⁰

O diretor tem um papel privilegiado: estar atento à conversação estabelecida entre Deus e o jovem “compartilhando o itinerário espiritual de seus discípulos enquanto, ao mesmo tempo, permanece como observador respeitoso”.⁵¹ A referência oportuna ao papel do diretor na direção espiritual recorda-nos que o verdadeiro diretor é o Espírito Santo. Se quisermos identificar um método específico de direção espiritual na tradição salesiana, precisamos dizer claramente que não há

⁴⁷ *Ibid.*, p. 359.

⁴⁸ W. WRIGHT, J. F. POWER (editores), *Francis de Sales, Jane de Chantal: Letters of Spiritual Direction*, Paulist Press, Nova Iorque 1988, 51.

⁴⁹ W. MARCEAU, “Francis de Sales Spiritual Director”: *Salesian Studies* (n.6, 1969) 91. Pensamento semelhante é expresso por S. João da Cruz, afirmando que os guias espirituais “não deveriam adequar as almas ao seu próprio método e condição, mas deveriam observar o longo caminho pelo qual Deus as está conduzindo. Se eles não a reconhecem, deveriam deixar a alma sozinha e sem perturbá-la”. Cf. “The Living Flame of Love”, Stanza 3 parte 46 e também parte 28 – 62, *The Collected Works of St. John of the Cross*, cit., 684-698.

⁵⁰ E. STOPP, *St Francis de Sales: A Testimony by St Chantal*, Faber and Faber, Londres 1976, 2.

⁵¹ S. MUTO, A. van KAAM, *Dynamics of Spiritual Direction*, Epiphany, Pittsburgh, Pensilvânia 2003, 344.

uma fórmula particular ou um programa que possamos seguir. É verdade que as recomendações na *Introdução à Vida Devota* e as pérolas de sabedoria, contidas em muitas cartas de direção espiritual, podem ser utilizadas frutuosamente no acompanhamento dos jovens em seu itinerário espiritual. Entretanto, prevalece a insistência salesiana na flexibilidade e na liberdade de espírito.

A relação do diretor com o jovem, na direção espiritual salesiana, não é secundária ao longo do processo; ela é essencial para sua recuperação e seu crescimento. “O papel do guia espiritual, que seguindo a tradição chamamos de ‘pai’ ou ‘mãe’, porque implica uma plenitude capaz de gerar vida, consiste em facilitar a escuta do que é dito pelo Espírito e como o Espírito Santo nos quer conduzir”.⁵² Esta atenção paterna ou materna pode referir-se ao modo extraordinário de direção espiritual de S. Francisco e de S. Joana Francisca, no qual eles “conservavam os seus discípulos no próprio coração”. Wright e Power concluem afirmando que, na tradição salesiana, o processo de direção tem relação com a “paternidade espiritual”.⁵³ Quando falamos de direção, entendida como paternidade, também significa que o diretor deve estar atento ao processo de *transfert* ou *contro-transfert* que pode acontecer.

Há particularmente na sociedade ocidental uma ruptura na vida familiar e principalmente, a partir da minha experiência, na direção dos jovens, que chamaria de “a ferida paterna”. Muitos jovens órfãos de pai ou cuja experiência paterna é emocionalmente ausente, procuram um substituto da figura paterna no diretor. O que não é isento de perigos; de fato, se essa relação não for bem cuidada, pode desenvolver uma possível relação de codependência em que pode existir até mesmo sedução e/ou abuso. O centro deve ser encontrado sempre na relação do jovem com Deus; não nos sentimentos ou na situação pessoal do jovem, mas naquilo que Deus quer comunicar através dessas experiências. O que exige uma compreensão adequada da “amizade espiritual” que é outro elemento indispensável na direção espiritual segundo a tradição salesiana. Uma das características que define a amizade espiritual, e a distingue da amizade natural, é o fato de

⁵² M. B. PENNINGTON, *Who Do You Say I am?*, New City Press, New York 2005, 53. O termo ‘direção espiritual’ chegou tarde à Igreja, durante a época racionalista quando os itinerários espirituais eram expostos detalhadamente e se sentia a necessidade de alguém que dirigisse através do labirinto do castelo ou ao longo do caminho tortuoso da montanha. O perigo é que sejamos influenciados pelas palavras que usamos. O diretor espiritual pode começar a dirigir esquecendo-se de que, na verdade há um só diretor: o Espírito Santo.

⁵³ W. WRIGHT, J. F. POWER (editores), *Francis de Sales, Jane de Chantal: Letters of Spiritual Direction*, cit., 58.

encontrar o seu centro no amor de Deus. Sendo o amor de Deus a relação fundamental que devemos compartilhar com os outros, essa relação é sempre triangular, porque implica o diretor, o jovem e, sobretudo, Deus. S. Francisco conclui dizendo que o Espírito Santo “é o autor dessas amizades”, e “as pessoas que têm o próprio coração no coração de Deus podem atrair os outros para viverem essa união”.⁵⁴ Esta abordagem precisa de uma precaução contínua, para evitar o perigo de uma relação na direção espiritual que possa converter-se em autogratificação para o diretor em busca de satisfação para as próprias carências.

4. INICIAR A PARTIR DO CORAÇÃO

Os jovens vêm, com frequência, até nós não tanto em busca de direção espiritual, mas principalmente de ajuda para resolver problemas ou dificuldades momentâneas. E, quase sempre, esses problemas têm a ver com as relações interpessoais. Enquanto seres humanos, somos seres relacionais diante de Deus, dos outros, de nós mesmos, do mundo. A nossa relação com Deus influi em todas as outras relações, e manifesta-se em nossa interação com os outros. Um princípio fundamental da espiritualidade salesiana é a afirmação de que não temos dois corações, um para amar a Deus e outro para amar o próximo, mas temos um só coração e devemos aprender a amar ao mesmo tempo a Deus e ao próximo.⁵⁵ Quando a relação se torna problemática, a abordagem salesiana na direção espiritual leva a individuar o que Deus nos quer dizer através dessa relação. O que Ele está me revelando sobre o meu coração? Estou buscando a minha autogratificação, é-me pedido para esquecer-me de mim mesmo para buscar o bem dos outros, sou chamado à tolerância, à paciência, ao perdão? A atitude de nos concentrarmos naquilo que Deus nos quer dizer através dessa relação distingue a direção espiritual do “counselling” ou de outros tipos de ajuda.⁵⁶

Mesmo iniciando pelo que interessa ao jovem, quanto mais caminhamos mais o problema enfrentado perde importância, desde o momento em que comecemos a nos perguntar o que Deus nos quer dizer através da situação. No centro da insatisfação, frustração ou impasse encontra-se frequentemente uma

⁵⁴ *Ibid.*, p. 59.

⁵⁵ E. Mc DONNELL, *God Desires You*, Desales Resource Center, Stella Niagra (NY) 2008², 117.

⁵⁶ Sobre o modo de o diretor espiritual beneficiar-se da pesquisa contemporânea, veja-se: C. GRATTON, *The Art of Spiritual Guidance*, Claretian Publications, Bangalore 1996.

desconexão com o coração. Isso pode parecer estranho, mas é verdade que não raramente podemos viver distantes de nós mesmos. Não estamos em casa com Deus, que habita dentro de nós; por isso, sentimo-nos sem casa. O que é particularmente verdade nos jovens, nos quais a influência dos companheiros é tão forte que muitos deles se sentem obrigados a viver de maneira a poderem responder às expectativas alheias. Esse pode ser um modo muito natural de buscar a aprovação dos outros, “preocupados sobre como os outros nos veem, procurando evitar a desaprovação deles ou desejosos da sua admiração”. Só poderemos alcançar a verdadeira liberdade interior se começarmos a aprender a olhar para nós mesmos como o Senhor nos vê através do seu Filho, “sob o olhar amorosamente misericordioso do Senhor”.⁵⁷

Desconectado do próprio coração, sem esse porto interior, o jovem vê-se sem bússola no mar da vida, e acaba sentindo-se perdido, o que é particularmente verdade no âmbito das relações humanas. Os jovens que buscam o amor frequentemente se contentam com pouco, acomodando-se nos desejos da outra pessoa, justamente porque precisam ser amados. Por isso, veem-se fechados em relações infelizes ou têm a sensação de serem explorados; acabam, assim, feridos pela experiência. Para qualquer experiência vivida pelo jovem, provocadora dessa alienação em relação ao próprio coração, a espiritualidade salesiana sempre oferece um caminho que leva adiante. Essa abordagem, porém, exige que, antes de tudo e acima de tudo, procuremos compreender teologicamente por que o coração humano tende a desviar-se.

5. A NATUREZA DISSIPADA DO CORAÇÃO HUMANO

Um princípio fundamental da teologia salesiana afirma que o coração foi criado bom, porque Deus, que nos criou, é bom. O coração humano não só “é orientado para o bem”,⁵⁸ mas foi criado “para amar o Bem infinito”.⁵⁹ Essa é a base do otimismo salesiano, ao qual não interessa o quanto seja imoral a conduta de um jovem; no seu núcleo, o coração permanece bom, mesmo que possa estar afastado da bondade. S. Francisco explica:

⁵⁷ J. PHILIPPE, *Time for God*, cit., 46.

⁵⁸ *OEA* IV, 145.

⁵⁹ *OEA* V, 321. Cf. *OEA* IV, 169; *OEA* V, 321, 342.

“Nem toda ação de um pecador é ‘pecado’; embora o pecado provoque a doença da alma e a torne incapaz de realizar grandes e poderosas obras, ela, sem dúvida, pode fazer coisas pequenas; de fato, nem todas as ações de uma pessoa doente são ações doentias”.⁶⁰

Se o coração foi criado bom, como explicar as tendências pecaminosas? S. Francisco recorda-nos que “enquanto fomos criados como imagem de Deus, recebemos d’Ele tudo o que é bom em nós; mas, tendo sido criados do nada, sempre permanece em nós alguma imperfeição”.⁶¹ Apesar disso, continua a existir na natureza humana uma semente de bondade, podendo ser redimida e libertada. S. Francisco pode sustentar esta convicção porque, diversamente de Calvino, não considera que a natureza humana seja corrompida pelo pecado.⁶² Ele faz uma leitura mais “benévola” da natureza humana atingida pelo pecado, descrevendo-a como “frágil” por estar ferida; e sendo frágil, torna-se facilmente escrava dos próprios desejos.⁶³

Mesmo sendo o coração humano orientado para o bem, e no fim das contas para Deus, que é o Bem infinito, ele pode desviar-se nesse caminho e contentar-se com o que parece bom, em vez de sê-lo realmente. Todavia, nem tudo está perdido: o coração humano deseja o infinito, e não pode sentir-se satisfeito com alguma coisa inferior. Evocando a famosa frase de S. Agostinho, Francisco também declara que “os nossos corações estão inquietos e não repousarão enquanto não retornarem a Ti”.⁶⁴ E apresenta uma parábola para ilustrar a natureza dissipada do nosso coração.

“Acontece algumas vezes entre as perdizes que uma delas rouba os ovos de outra para chocá-los. Mas tão logo a pequena perdiz que foi ‘sequestrada’ e é alimentada, escuta pela primeira vez a voz da sua verdadeira mãe, retorna para ela [...]. O mesmo acontece com o nosso coração”.⁶⁵

⁶⁰ *Ibid.*, p. 237.

⁶¹ *OEA X*, 345, *Sermon for Palm Sunday 20th March 1622*.

⁶² S. Francisco acompanha a teologia oriental que considera os nossos hábitos, não a nossa natureza, a serem arruinados pelo pecado original, o que mudou a nossa natureza. É por isso que os teólogos orientais não falam de natureza decaída (*natura lapsa*), mas veem a conversão como retorno à nossa primeira natureza. T. ŠPIDLÍK, *The Spirituality of the Christian East: A Systematic Handbook*, transcr. por Anthony P. Gythiel, Cistercian Publications Inc., Kalamazoo, Michigan 1986, 63.

⁶³ Para uma apresentação mais detalhada sobre a nossa natureza “chétive”, veja-se: E. Mc DONNELL, *The Concept of Freedom*, cit., 191-193.

⁶⁴ *OEA XXII*, 7.

⁶⁵ *OEA IV*, 78-79.

Embora em meio ao pecado, mesmo que a nossa inclinação para amar a Deus esteja soterrada, ela jamais é cancelada. O nosso coração, quando se torna insatisfeito, sentirá o anseio do bem verdadeiro e despertará novamente. Uma das tarefas da direção espiritual consiste em acompanhar o jovem, com bondade (*amorevolezza*), pelos becos sem saída para onde suas ações o conduzem, e quando o seu coração despertar novamente, haverá de ajudá-lo no caminho de purificação, tornando mais forte a sua vontade de tomar decisões segundo a Vontade de Deus.

O problema, infelizmente, permanece com o nosso coração dissipado: como podemos prevenir a nós mesmos de sermos atraídos para aquilo que Deus criou, esquecendo-nos do seu Criador? Mesmo com a inclinação natural para amar a Deus acima de todas as coisas, não temos o poder de fazê-lo, e caímos continuamente. Como podemos ir adiante, como pode o coração humano encontrar a sua verdadeira casa em Deus, sendo como é: ferido, “arrítmico” e, portanto, não podendo conformar-se com o ritmo de Deus?⁶⁶ As respostas a estas questões levam-nos a descobrir na pessoa humana um duplo movimento: uma atração para o bem e uma contra-atração que resiste ao Bem verdadeiro e se contenta com alguma coisa que não é Deus. Na terminologia salesiana, trata-se de uma expressão da nossa natureza extática, que tende a levar-nos para fora de nós,⁶⁷ em duas direções: o êxtase sensual, que nos leva para baixo, para o egoísmo,⁶⁸ e o êxtase transcendente, que nos torna capazes de sair de nós mesmos para a caridade. Na direção espiritual, precisamos discernir este duplo movimento de resistência diante do bem (egoísmo) e de atração para o bem (caridade), e também entender se o jovem está crescendo no amor, que é o “movimento do coração para o bem”.⁶⁹ À primeira vista, parece algo muito simplista, mas os dois polos de

⁶⁶ W. M. WRIGHT, *Heart Speaks to Heart: The Salesian Tradition*, Darton, Longman & Todd, Londres 2004, 33.

⁶⁷ E. J. LAJEUNIE, *Saint Francis de Sales. The Man, the Thinker, His Influence*, trans. by Rory O’Sullivan, SFS Publications, Bangalore 1987, vol. II, 365.

⁶⁸ Sensual neste contexto não deve ser entendido como negação do erótico, mas onde se usa o outro para autogratificação, mais do que oferecer a si mesmo como dom. Cf. BENTO XVI, *Carta encíclica “Deus Caritas Est”*, Stampa Vaticana, Roma 2005, n.9-11.

⁶⁹ No *Tratado*, livro um, capítulo sétimo, S. Francisco dá-nos uma “Descrição de amor em geral”, em que alterna a descrição do amor como “movimento da vontade” ou “movimento do coração” para o bem (*OEA IV*, 40-46). Segundo Downey, a tendência de identificar o coração e a vontade também está presente na escola francesa de espiritualidade do século XVII. Para eles, “o termo ‘coração’ é associado com a vontade, e mais em particular com as emoções. Ao longo de toda a história da espiritualidade cristã, o coração é visto como a base e o fundamento unificador no interior da pessoa humana. É também entendido como afetivo enquanto está aberto à força atrativa do amor de Deus através da inabitação do Espírito Santo” (M. DOWNEY, “The heart in Jean Vanier and L’Arche”: *Spiritualities of the Heart*, cit., 195).

resistência e atração oferecem-nos um paradigma útil para orientar os jovens no itinerário espiritual para “viver Jesus”, onde as nossas vontades se unem com a de Deus.

5.1. A resistência do coração humano

Dissemos que, mesmo se o coração foi criado bom e com uma inclinação fundamental para Deus, o Sumo Bem, às vezes, infelizmente, o itinerário espiritual não tem sucesso; a razão pela qual não alcançamos a meta que Deus destinou para nós, é que, em vez de escolher o bem verdadeiro, detemo-nos naquele que apenas parece bom. Nossa inteligência fica ofuscada em seu discernimento quanto ao verdadeiro Bem, e a nossa vontade torna-se fraca para escolher o Bem autêntico. Esta luta no interior da pessoa humana não pode reduzir-se a simples interpretação dualista da batalha entre espírito e carne. Em vez disso, devemos entendê-la, no sentido paulino, como conflito entre dois amores, o amor de Deus e o amor de si mesmo. S. Francisco escreve:

“O nosso coração foi criado para Deus, e Ele procura atraí-lo continuamente; jamais deixa de pôr diante de seus olhos a beleza do seu Amor celeste. Apesar disso, há cinco realidades que impedem a ação da santa atração: 1) o pecado, que nos afasta de Deus; 2) a afeição às riquezas; 3) os prazeres dos sentidos; 4) o orgulho e a vaidade; 5) o amor-próprio, o egoísmo com a multidão de paixões desordenadas que vêm com ele, que são como um fardo pesado que nos arrasta para baixo”.⁷⁰

A nossa “natureza frágil deixa-se seduzir facilmente pelo pecado, através das decisões motivadas pelo egoísmo e os desejos desordenados que a levam para a escravidão”. Estas tendências devem ser identificadas e vencidas, se quisermos cooperar com a vontade de Deus em vista da nossa verdadeira liberdade. S. Francisco escreve na *Introdução*: “A tarefa de purificar a alma não pode e não deve terminar a não ser com a própria vida”.⁷¹ Diversamente de outros escritores

⁷⁰ *OEA* V, 56.

⁷¹ *OEA* III, 27, 48.

espirituais, portanto, o trabalho de ascese⁷² não é apenas para “principiantes”, mas também para aqueles que se consideram adiantados no itinerário espiritual. A direção espiritual salesiana, conseqüentemente, está convencida de que nesta vida jamais chegaremos à meta, mas que precisamos ser vigilantes em nossa luta contínua contra as tendências que levam ao pecado. Finalidade das práticas ascéticas é a libertação das nossas paixões desordenadas e dos afetos destrutivos, de tal maneira que possamos gozar da pureza do coração. Este reajuste do nosso coração permite que nos unamos à nossa origem autêntica e mais profunda, que é o amor.

Em meu livro, *Concetto di libertà* (“Conceito de liberdade”) aprofundei a compreensão salesiana de pecado,⁷³ de amor-próprio⁷⁴ e de desejos desordenados.⁷⁵ Apresentarei aqui apenas de maneira sucinta estes três aspectos em sua relação com os jovens, como podem surgir no processo de direção espiritual.

Afeto pelo pecado

Sobre o pecado, S. Francisco escreve: “Não nos devemos deixar perturbar pelas nossas imperfeições, pois para nós a perfeição consiste em lutar contra elas. Não podemos lutar contra elas se não as compreendermos, ou superá-las se não nos colocarmos diante delas”.⁷⁶ A atitude salesiana diante do pecado não consiste em ignorá-lo, mas em colocar-nos realmente diante dele. Igualmente, não devemos nos desencorajar⁷⁷ por causa da nossa fragilidade, mas reconhecer as nossas faltas com humildade.

⁷² A ascese é a luta para superar as profundas divisões no interior da nossa natureza, a reorganização dos nossos desejos, de modo que as nossas vidas possam ser vividas em harmonia com as exigências da fé cristã. “No sentido mais geral, pode-se dizer da ascese como a representação de todos os elementos da vida espiritual que comportam um esforço unitário contra os aspectos pecaminosos de si e contra as tentações externas, assim como os esforços positivos voltados para a perfeição da nossa atividade espiritual” (J. de GUIBERT, “Ascèse, ascétisme. I: La notion d’ascèse, d’ascétisme”, in *Dictionnaire de spiritualité, ascétique et mystique*, Besauchesne, Paris 1974, 938).

⁷³ E. Mc DONNELL, *The Concept of Freedom*, cit., 181-197.

⁷⁴ *Ibid.*, pp. 198-202.

⁷⁵ *Ibid.*, pp. 203-210.

⁷⁶ *OEA* III, 27. Ver também: “É suficiente que tenhamos o virtuoso desejo de *combater* valorosamente com a plena confiança de que o Espírito de Deus nos ajudará quando se apresentar a ocasião de usá-la” (*OEA* IV, 253).

⁷⁷ S. Francisco aconselha contra o desânimo, porque justamente “como as aranhas fazem a sua teia apenas quando o tempo está escuro e nublado, assim também, as forças do mal podem não encontrar momento melhor para colocar as insídias” (*OEA* V, 315-316). Para um resumo mais detalhado dos perigos do desânimo e da ansiedade, veja-se: E. Mc DONNELL, *God Desires You*, cit., 113-116.

“Eleva teu coração sempre que caíres, mas fá-lo serenamente, humilhando-te diante de Deus através do conhecimento da tua miséria, e não te surpreendas se caíres. Não é de admirar que a doença nos torne doentes, a fragilidade enfraqueça-nos ou a miséria faça-nos miseráveis. Apesar disso, procura detestar com todas as tuas forças a ofensa que Deus recebeu de ti, e com grande coragem e confiança em sua misericórdia retorna ao caminho da virtude, do qual te afastaste”.⁷⁸

S. Francisco reconhece que nem todos nós nos afligimos com os mesmos pecados, e que há pecados que tendemos a repetir, tornando-se assim hábitos. Jamais poderíamos superar esses pecados habituais se não identificássemos a afeição que temos especificamente por esses pecados.⁷⁹ Escreve:

“Mesmo que todos os israelitas tenham deixado efetivamente o Egito,⁸⁰ nem todos o deixaram afetivamente, e no deserto muitos lamentavam a falta das cebolas e das panelas de carne do Egito. Se não erradicarmos o afeto pelo pecado, seremos semelhantes ao homem infeliz, que foi libertado do pecado e, apesar disso, ainda continua enredado no afeto por ele. Mesmo estando efetivamente longe do Egito, ainda está lá pelo seu apetite e pelo seu desejo dos alhos e das cebolas dos quais então se alimentava. É como uma mulher que deseja deixar as relações ilícitas de amor, mas agrada-lhe ser acompanhada e cortejada”.⁸¹

Nesta luta contínua de libertação do afeto aos pecados, S. Francisco de Sales recomenda os seguintes exercícios:

- a. aprender a cultivar o afeto contrário aos pecados, para que “possamos corrigi-los e reprimi-los, também nos purificando e libertando totalmente deles”,⁸²
- b. fazer meditações que, com a ajuda da graça de Deus, serão de grande ajuda para erradicar do nosso coração ao mesmo tempo o pecado e os principais afetos em sua direção,⁸³

⁷⁸ *OEA* III, 168. Ver também *OEA* XIV, 79; *OEA* XIV, 120; *OEA* XV, 37.

⁷⁹ Para um breve resumo dos ensinamentos de S. Francisco de Sales sobre a necessidade de purificação da afeição pelo pecado, veja-se: R. MARTIN, *The Fulfillment of all Desire*, Emmaus Road Publishing, Steubenville 2006, 109-110.

⁸⁰ *OEA* III, 30.

⁸¹ *Ibid.*, p. 31.

⁸² *Ibid.*, p. 67.

⁸³ *Ibid.*, p. 33.

- c. receber o sacramento da Reconciliação porque “não importa se a contrição não é profunda; o que conta é que seja autêntica, e de modo particular quando se vê reforçada pela força dos sacramentos, purifica-nos realmente do pecado, e quando é grande e profunda, liberta-nos de todo afeto pelo pecado”.⁸⁴

O amor de si

A resistência à vontade de Deus vem, sobretudo, do amor-próprio.⁸⁵ É necessário, desde o início, estabelecer uma distinção entre o amor-próprio e o amor de si. O amor honesto de si é defendido por S. Francisco de Sales,⁸⁶ mas o amor-próprio usurpa para si o papel do amor verdadeiro e leva à autoadoração, afastando-nos do amor de Deus. O amor-próprio apresenta-se claramente como obstáculo para o amor de Deus⁸⁷ e “não morre nunca, até a nossa morte; há mil maneiras de entrincheirar-se em nossa alma, mas não podemos jogá-lo fora completamente”.⁸⁸ Os escritos de S. Francisco sobejam nos exemplos do amor-próprio que estimula a autogratificação baseando-nos naquilo que nos agrada ou nos desagradam, os preconceitos e as paixões; em outras palavras, por causa do nosso próprio autointeresse. “Quando me vejo mais orientado para uma opinião e não para outra”, escreve a Felipe de Quoeux, “espero que Deus me dê a graça de não ser influenciado e arruinado pelo amor-próprio, como irritar-me com quem não quer estar de acordo com a minha opinião”.⁸⁹

⁸⁴ *Ibid.*, p. 32.

⁸⁵ Esta distinção, antes de ser feita por S. Francisco de Sales, foi feita por Tomás de Aquino: “o amor de si, bem ordenado, desejado pelo homem é bom e natural; mas é o amor desordenado de si, levando ao desprezo de Deus, que Agostinho vê como causa do pecado” (*STh*, I II q.77 art.4 ad. 1, 2:937). Nos escritos de S. Francisco de Sales, o amor-próprio (*amour propre*) é visto negativamente enquanto o amor de si mesmo (*amour de nous mesme*) é visto como um amor bom e merecedor, ordenado para Deus e subordinado ao amor de Deus. O amor-próprio deve ser entendido como um amor que está em oposição ao amor de Deus (cf. *OEA* V, 202).

⁸⁶ A justificação para o amor de si mesmo é que somos feitos à imagem e semelhança de Deus. Veja-se *OEA* V, 204.

⁸⁷ S. Inácio exigia do exercitante, desde o início da segunda semana, nos *Exercícios Espirituais*, uma oblação total de si, uma oblação ativa que chega ao holocausto de todo amor-próprio (cf. F. CHARMOT, *Ignatius Loyola and Francis de Sales: Two Masters, One Spirituality*, Herder Book Co., Londres 1966, 60).

⁸⁸ *OEA* XII, 383.

⁸⁹ *OEA* XVI, 114.

O egoísmo é perigoso devido à sua natureza insidiosa, que ignora a voz da razão e nos leva a fazer um amontoado de atos pequenos, mas perigosos, de injustiça e de pecado.⁹⁰ Justamente porque nos parecem pequenos, habituamo-nos a desculpá-los, mas sendo muitos, podem provocar um grave dano. Por exemplo, “criticamos o nosso próximo pelas coisas pequenas, mas nos desculpamos a nós mesmos por coisas ainda maiores. Queremos vender produtos para ter um grande lucro, mas desejamos adquiri-los a bom preço. Insistimos na justiça estrita para os outros, mas queremos misericórdia para nós. Com facilidade, nos lamentamos dos nossos vizinhos, mas não queremos escutar os lamentos sobre nós”. S. Francisco continua: “Em poucas palavras, temos dois corações: um amável, gentil e misericordioso para conosco, e outro, estreito e rigoroso para com nossos próximos”.⁹¹ Quando agimos assim, não somos justos e razoáveis. Deixamo-nos levar pelos nossos sentimentos, emoções e paixões, que nos mantêm centrados em nós mesmos.

A doçura na direção espiritual salesiana é o princípio a ser utilizado para identificar e buscar a superação do amor-próprio. Frequentemente, os jovens se sentem desencorajados porque percebem dentro de si atitudes de egoísmo, mas, para Francisco, isso ainda é outra expressão de amor-próprio. Não nos devemos surpreender com nossas quedas; antes devemos surpreender-nos por não fazê-lo mais frequentemente. Isso nos convida a colocar-nos diante da realidade fundamental da necessidade de sermos salvos: não podemos salvar-nos a nós mesmos. S. Francisco escreve:

“A pessoa orgulhosa, que confia em si mesma, tem boas razões para nada empreender. A pessoa humilde é a mais valorosa, aquela que percebe ser impotente; quanto mais se percebe como indigna, mais empreendedora se torna, porque coloca toda a sua confiança em Deus”.⁹²

Sempre prático em sua direção espiritual, Francisco oferece-nos um método para adquirir um “coração razoável”. Ele convida-nos a “trocar o nosso lugar

⁹⁰ *OEA* III, 258. Para Francisco, e também para S. João Bosco, os nossos corações precisam ser iluminados e orientados pela razão. Porque só a razão faz com que sejamos humanos e nos dá a capacidade de pensar e escolher e de endereçar os nossos instintos, emoções e paixões para o fim correto próprio dos seres humanos. S. Francisco adverte que “somos humanos porque possuímos a razão, mas encontrar uma pessoa racional é realmente raro” (*Ibid.*, p. 257).

⁹¹ *Ibid.*, p. 258.

⁹² *Ibid.*, p. 149.

com o do próximo, e nos comportaremos de maneira adequada em qualquer situação”.⁹³ É difícil sermos objetivos diante da nossa realidade; e é por isso que, citando S. Bernardo, Francisco aconselha a ter um diretor espiritual, porque, caso contrário, “quem quer seguir a si mesmo, tem um estúpido por guia”.⁹⁴

Desejos desordenados

Sendo difícil para nós identificar os aspectos do amor-próprio em nossa conduta, ainda mais difícil será identificar os nossos desejos desordenados, justamente porque as emoções podem reforçar a nossa vontade de autogratificação.

“As percepções humanas são coloridas pelo ciúme, pela rivalidade, pela inveja, pelo orgulho, pela dor e muitíssimas outras emoções negativas. Precisamos avaliar essas percepções com precaução. Elas podem nos enfraquecer e impedir o reconhecimento da nossa verdadeira grandeza enquanto pessoas divinizadas em Cristo, amadas por Deus e por Ele cheias de graças”.⁹⁵

Não se trata de eliminar as nossas paixões ou emoções, porque também elas são um dom positivo de Deus. Antes a tarefa é ordenar as nossas emoções de modo que a força da alma se oriente para o amor e o serviço de Deus. “O que deves mudar ou remover não são os apetites enquanto tais, mas a sua ação desordenada”.⁹⁶ É claro que, mesmo se as paixões são um dom de Deus, nós somos pessoalmente responsáveis pela sua desordem, que brota do amor-próprio. Embora o desejo atue segundo o princípio da busca do bem, ele pode errar porque “dos muitos amores apresentados diante da vontade, esta pode apegar-se àquele que apenas parece bom”.⁹⁷ A raiz da desordem presente em nossos desejos está no amor-próprio que, como indicamos anteriormente, pode falsear o uso das nossas faculdades racionais. Como consequência, a nossa razão fica aprisionada no seu discernimento por causa do apetite. O que leva a uma inversão da ordem natural, fazendo com que nossos apetites dominem a nossa razão, quando a razão deveria orientar os apetites para sua justa finalidade.

⁹³ *Ibid.*, p. 259.

⁹⁴ *OEA IX*, 244.

⁹⁵ M. B. PENNINGTON, *Who Do You Say I Am?*, cit., 54.

⁹⁶ N. CUMMINS, *Freedom to Rejoice*, Harper Collins, Londres 1991, 119.

⁹⁷ *OEA IV*, 34.

Isso nos leva a enfrentar um dos elementos essenciais da direção espiritual, ou seja, o discernimento dos nossos pensamentos.⁹⁸ Entendemos por “pensamentos” qualquer coisa que surja no monitor da nossa consciência, por exemplo, sentimentos, emoções, conceitos, imagens ou recordações. Há uma progressão em relação a estes “pensamentos”. Eles aparecem num primeiro momento, mas desaparecem se eu simplesmente os contemplar, sem lhes dar importância. Quando um pensamento se apresenta, ele faz um convite: queres? É nesse momento que a nossa vontade é chamada em causa e a liberdade entra em jogo através da nossa aceitação. É nesse momento que podemos orientar os nossos pensamentos, que levam a decisões e atitudes. Se eu me deixo levar por eles uma vez há uma ação virtuosa ou viciosa, mas se o faço repetidamente, torna-se um hábito. Devemos aprender a observar os nossos pensamentos justamente quando eles surgem, identificando a sua fonte, se procedem do interior ou do exterior, se vêm de mim mesmo, da minha memória, ou se vêm de Deus ou de uma fonte maligna. Devemos seguir os pensamentos que se apresentam como fontes de graça, e cultivá-los mediante a oração.

À medida que a relação de direção espiritual se torna mais profunda, começam a surgir os modelos de pensamento que estão, sem dúvida, ligados à experiência vivida pelo jovem. Nossa maneira de pensar influi significativamente sobre a nossa maneira de atuar.

“Os pensamentos que aceitamos tornam-se desejos. Os desejos assimilados tornam-se paixões. Os bons pensamentos tornam-se virtudes. Os maus pensamentos tornam-se maus desejos; as paixões ou hábitos de ações negativas levam ao vício”.⁹⁹

É muito mais fácil detê-los no processo da reflexão antes de permitir-lhes que se tornem hábitos, porque neste caso é muito mais difícil erradicá-los. A alteração da nossa conduta pode ser controlada, mas é muito mais fácil “prevenir” antes de se tornarem hábitos. Precisamos “desmontar” com delicadeza alguns desses modelos de pensamento, porque podem ser de obstáculo para o crescimento humano e espiritual. O processo de direção espiritual implica tanto em

⁹⁸ O termo original para o discernimento, tomado da espiritualidade do deserto, é *diakrisis* que, literalmente, significa organizar os nossos pensamentos.

⁹⁹ M. M. FUNK, *Thoughts Matter: The Practice of the Spiritual Life*, Continuum, Nova Iorque 2005, 20.

aprender quanto em “desaprender”, justamente para “submeter todos os nossos pensamentos à obediência a Cristo” (2Cor 10,5).

Este “método preventivo” de discernir os pensamentos é essencial para que a pessoa cresça no amor de Deus. Por exemplo, se o jovem sofre devido à imagem empobrecida de si ou à autoestima muito baixa, isso pode travar até mesmo a sua percepção da Sagrada Escritura, pois a contemplará através de óculos escuros. Frequentemente, eles projetam também em Deus os seus sentimentos de não serem amados, e isso os impede de encontrar o Deus vivo e verdadeiro. Sentindo-se autocondenados, e o jovem fala que ele/ela percebe Deus como “ameaçador, irado ou vingativo, as nossas antenas tornam-se mais atentas, suspeitando que se trate aqui de uma projeção”.¹⁰⁰ Recomenda-se normalmente aos jovens que sofrem de pouca autoestima, que façam esforços para elevá-la. Mas não é realmente difícil que alguém possa dar a si mesmo o que lhe falta? A direção espiritual salesiana é orientada a falar mais de “aceitação” do que de autoestima. A aceitação vem, antes de tudo, da convicção de que Deus nos ama. Deus continua a nos amar mesmo em meio às nossas fraquezas, e a aceitação incondicional deve ser experimentada pelo jovem através da bondade (*amorevolezza*) e da aceitação do diretor espiritual. Ao mesmo tempo, o jovem pode viver certo mal-estar por levar uma vida incompatível com o Evangelho, e é a própria consciência que o acusa. Nessas circunstâncias, devemos invocar novamente o princípio da bondade (*amorevolezza*), de tal modo que o seu arrependimento seja sincero e duradouro.

Nas cartas em que Francisco trata com as pessoas sobre as situações da vida concreta delas, ele previne contra a multiplicidade dos nossos desejos que, não sendo ordenados pela razão, entram em conflito entre si. Este é um fenômeno comum entre os jovens que desejam fazer muitas coisas diferentes ao mesmo tempo e, afinal de contas, não fazem nenhuma delas, ou não as fazem bem. Outra consequência desta falta de harmonia é a divisão interior, a insatisfação e a inquietação contínua que provoca inconstância e desejo continuado de mudança. A multiplicidade dos desejos nos quais todas as possibilidades permanecem abertas impede que o jovem desenvolva a capacidade de empenhar-se. O que é particularmente importante para os jovens que se encontram diante de decisões relevan-

¹⁰⁰ Para nós, Deus é sempre o Deus de Jesus, o Pai pródigo, que vem zelosamente ao nosso encontro, filhos rebeldes, para acolher-nos na família (Lc 15,1-32). Se a experiência de condenação de quem é dirigido espiritualmente não for relacional e não levar à reconciliação, então podemos estar relativamente certos de que não é de Deus, e nós poderemos ajudar a pessoa dirigida a aprofundar o discernimento (cf. W. BARRY, “Our True Selves and Spiritual Direction”: *Presence* 17 (n.2, 2011) 8).

tes, que determinarão a orientação de suas vidas. Se o jovem vive afastado do seu coração, muito provavelmente buscará apoio fora dele ou sofrerá a tentação de imitar os outros. S. Francisco sugere:

“Não deves semear os teus desejos em jardins alheios; cultiva o teu, o melhor possível; não queiras ser diferente do que és, mas procura, sobretudo, ser o melhor de ti mesmo [...]. Crê-me, este é o ponto mais importante e menos compreendido na vida espiritual”.¹⁰¹

No âmbito da espiritualidade salesiana, a relação com Deus não é nem um luxo nem um “extra” opcional, mas uma necessidade essencial. Só crescendo no amor de Deus podemos aprender a tomar decisões que não estão apenas em harmonia com a vontade de Deus, mas também nos permitem alcançar a meta para a qual fomos criados. Apesar disso, devido aos nossos desejos desordenados, há uma luta dentro da pessoa entre o amor-próprio e o amor de Deus, que Francisco descreve como verdadeiro “martírio da vontade”.¹⁰² Essa luta continua ao longo de toda a nossa vida, pois só “no céu teremos de verdade um coração plenamente livre da paixão, uma alma totalmente purificada da distração, um espírito livre de contradições, e não haverá nenhum conflito entre as nossas faculdades”.¹⁰³

Entretanto, a questão permanece: “Que método eu devo seguir para conduzir os meus afetos e paixões a serviço do Amor divino?”. S. Francisco de Sales responde: “Lutemos contra as paixões, para opor-lhes paixões contrárias, mas também para estabelecer afetos mais intensos”.¹⁰⁴ Àquilo a que damos maior atenção também damos todas as nossas energias. Portanto, é mais importante colocar o nosso esforço no desenvolvimento das virtudes do que só insistir em nossas fraquezas. Na medida em que nos movemos sempre mais profundamente dos sentidos para o reino do espírito, começamos a reconhecer que “os prazeres corporais despertam o desejo antes de satisfazê-los, mas tornam-se desgostosos quando os obtivemos. Ao contrário, os prazeres espirituais provocam desprazer antes de obtê-los, mas, uma vez obtidos, provocam prazer”.¹⁰⁵ À primeira vista, esta doutrina parece restringir a nossa liberdade e negar o valor dos sentidos. A

¹⁰¹ OEA XIII, 289-292, *Letter to Président Brulart*, June, 1607.

¹⁰² OEA IX, 79.

¹⁰³ OEA V, 169-179.

¹⁰⁴ *Ibid.*, pp. 311-312.

¹⁰⁵ OEA IV, 61.

finalidade de Francisco, porém, é a verdadeira liberdade, a liberdade de amar; não só de amar a Deus, mas também de amar e gozar do mundo criado por Ele, como deve ser amado e desfrutado. O amor de Deus é o princípio ordenador que orienta os nossos desejos para o verdadeiro bem e, em consequência, para a liberdade. Como escreve Francisco:

“O amor de Deus assume e toma sob o seu domínio os afetos e as paixões, fazendo-os afastar-se da finalidade à qual o amor de si os levaria e dirigindo-os para a sua própria intenção espiritual”.¹⁰⁶

O que é coerente com a finalidade que identificamos na direção espiritual salesiana, que consiste na união de nossas vontades com a vontade de Deus, de maneira que Jesus possa viver em nós. É necessário dizer, porém, que este “abandono amoroso” à imitação de Jesus só é uma opção plausível quando “a mente e o coração são libertados de imagens distorcidas e de emoções desordenadas a respeito da própria identidade, e são percebidas justamente como são na presença de Deus”.¹⁰⁷

5.2. As atrações do coração humano: as inspirações

Juntamente com a análise das resistências à vontade de Deus no coração humano, a direção espiritual na tradição salesiana leva o diretor a estar atento para perceber os bons desejos no coração do jovem, procurar estimular esses desejos e ajudar a levá-los à sua realização. Numa carta a S. Joana Francisca, S. Francisco escreve:

“Jamais deixarei de pedir ao Senhor que leve a cumprimento a sua obra na senhora, ou seja, que a senhora sempre caminhe no seu excelente desejo e projeto de alcançar a plenitude da vida cristã, um desejo que a senhora deve estimular e fazer crescer com ternura em seu coração. Considere que isso é obra do Espírito Santo e uma centelha de sua Chama divina”.¹⁰⁸

¹⁰⁶ OEA V, 312.

¹⁰⁷ F. X. CLOONEY, *Beyond Compare: St Francis de Sales and Śrī Vedānta Deśika on Loving Surrender to God*, Georgetown University Press, Washington 2008, 22.

¹⁰⁸ OEA XII, 263-264. *Letter to Jane Frances de Chantal*, 3rd May 1604.

O que está em jogo aqui é o reconhecimento da obra do Espírito de Deus nos bons desejos do jovem que, na espiritualidade salesiana, se chama “inspirações”.¹⁰⁹ Com maior frequência, familiarizamo-nos mais com o papel das tentações do que com o da contraparte, isto é, as inspirações.¹¹⁰ Deus, nosso bem supremo, é capaz de levar-nos até Ele mediante a atração de suas inspirações. Essa é a missão especial do Espírito Santo, que derrama em nossos corações os primeiros raios de sua luz e de seu calor de vida.¹¹¹ A inspiração, então, é para o ser humano o que a luz e o calor do sol são para a terra. Neste caso, as inspirações, pelas quais Deus revela a sua vontade, estão presentes mediante a metáfora da luz e do calor. São descritas “psicologicamente” segundo a maneira com que se manifestam em nossa consciência. Depende de nossa vontade livre resistir ou responder ao despertar divino. Note-se que não somos nós a nos despertamos a nós mesmos; causar o despertar é característica destas inspirações. Como S. Francisco indica:

“Eu não posso despertar-me, nem posso mover-me a mim mesmo, se não és Tu a mover-me. Mas, quando tu me moves, então, ó Esposo amado de minha alma, ‘corremos juntos’, os dois. Tu corres adiante, e sempre queres atrair-me, e eu, de minha parte, quero seguir o teu caminho, respondendo ao teu chamado”.¹¹²

Uma das tarefas principais no processo de direção consiste em discernir os movimentos interiores das inspirações de Deus no coração do jovem. O que, por outro lado, implica que nós mesmos nos deixemos conduzir pelo Espírito Santo, porque as inspirações são sempre iniciativa de Deus. Evidentemente, mesmo atraídos pela divina Bondade, ela sempre nos deixa livres para responder:

“Apesar da força onipotente da mão amorosa de Deus que toca, cobre e envolve a alma com tantas inspirações [...] a graça não tem o poder de dominar, mas de atrair o nosso coração”.¹¹³

¹⁰⁹ Cf. E. Mc DONNELL, *The Concept of Freedom*, cit., 280-301.

¹¹⁰ “Inspirações são [...] todas as atrações interiores, moções, atos de autorreprovação e de remorso, luzes e concepções que Deus atua em nós e predispõe os nossos corações com as suas bênçãos, o cuidado paterno e o amor para nos despertar, estimular, solicitar e atrair às santas virtudes, ao amor celeste, aos bons propósitos, a tudo o que encoraje a nossa viagem para o nosso bem-estar eterno” (*OEA* III, 108; cf. ed. A. Callahan, Paulist Press, Nova Iorque & Mahwah (NJ) 1990, 109).

¹¹¹ *OEA* IV, 130.

¹¹² *Ibid.*, p. 132.

¹¹³ *Ibid.*, pp. 126-127.

A essência da inspiração é o caminho pelo qual Deus nos conduz intimamente, e revela, a cada um, a sua Vontade. Como diz S. Francisco, “seu sopro vital é chamado de inspiração porque, através dele, a Bondade suprema sopra sobre nós e inspira em nós os desejos e as intenções do seu Coração”.¹¹⁴ A inspiração propicia a amizade recíproca entre Deus e nós, porque Jesus revela “as intenções do seu coração”, e fala aos nossos corações. A inspiração, assim entendida, é expressão daquilo que a vontade de Deus significa. Como comenta André Brix:

“O método salesiano coloca-se no nível da liberdade e da inspiração pessoal. A inspiração revela que Deus quer atuar de maneira absolutamente original e autêntica com toda liberdade. Não se trata de formar um exército de robôs submissos. A inspiração refere-se à minha atuação numa situação concreta em que ninguém mais pode ocupar o meu lugar. Devemos deixar que o exterior possa nascer do interior”.¹¹⁵

Dessa forma, mediante as inspirações, somos convidados a uma resposta pessoal, que nos leva à divinização através da nossa participação na vida de Cristo. Por isso, Francisco procura infundir em nós a abertura ou disponibilidade interior a essas inspirações divinas. O jovem, portanto, é conduzido continuamente pelo Deus vivo através dessas inspirações. Francisco afirma que “só se aceitarmos as suas inspirações em toda a extensão do seu poder, faremos logo grandes progressos na santidade”.¹¹⁶

Mesmo que as inspirações permaneçam sempre iniciativa da graça de Deus, nós podemos, de nossa parte, fazer crescer uma disposição interior que nos torne vigilantes e prontos para responder quando surge o momento adequado. Recordando a nossa meta, “viver Jesus” através da união da nossa vontade com a vontade de Deus, vemos claramente que as inspirações são um elemento decisivo na realização desta meta. Retornando ao nosso coração como ponto de partida, uma chave fundamental é “fixar e estabelecer a intenção do nosso coração de modo que o exterior possa fluir do interior”.¹¹⁷ Cultivar essas disposições permite

¹¹⁴ OEA V, 90.

¹¹⁵ A. BRUX, *Initiation à la lecture du Traité de L'Amour de Dieu*, Texte établi d'après l'enregistrement des conférences données au cours de plusieurs weekends en 1980–1981 à Ellezelles (Bélgica), 287.

¹¹⁶ OEA IV, 121.

¹¹⁷ *On Inward Peace*, in Lorenzo SCUOPOLI, *Spiritual Combat, Together with the Treatise of Inward Peace*, Burns & Oates, Londres 1963, 207.

ao jovem responder-lhes “com cuidado, frequência e prontidão”,¹¹⁸ enquanto leva uma vida que, aos olhos dos outros, é plenamente normal.¹¹⁹ Isso propicia a “virtude da devoção” que “não é outra coisa senão a inclinação geral da disposição da alma para fazer o que sabe agradar a Deus. É a este ‘alargamento do coração’ que se refere Davi, quando diz: Corrirei pela estrada de teus Mandamentos, pois me dilataste o coração”. S. Francisco “convida-nos a fazer tudo por amor, porque sabe que o amor alarga o coração, permanecendo, ao mesmo tempo, simples e senhor de si mesmo”.¹²⁰ Para este alargamento do nosso coração é fundamental, na direção espiritual salesiana, o desenvolvimento da nossa amizade com Jesus na oração e na autotranscendência através do serviço desinteressado. Dedicue-mo-nos ainda a estes dois aspectos, a fim de completar a nossa apresentação da direção espiritual salesiana com os jovens.

5.3. A oração “de coração a coração”

É através da oração que nos podemos preparar melhor para a obra de Deus em nossa vida. O diálogo da oração começa no Coração de Deus, que se nos comunica mediante suas inspirações. As inspirações, que são dom do Espírito Santo, iluminam a nossa mente e movem a nossa vontade para responder à bondade de Deus. A oração, então, é o movimento de resposta às inspirações que Deus comunica ao nosso coração. É através dessas inspirações que podemos elevar a nossa mente e o nosso coração a Deus na oração. S. Francisco escreve:

“Estamos em comunicação contínua com Ele, que jamais cessa de falar aos nossos corações através de suas inspirações, seduções e movimentos sagrados [...]. Ele revelou plenamente todos os seus segredos a nós, como seus amigos mais íntimos [...]. De nossa parte, temos a liberdade de falar com Ele em oração devota sempre que o quisermos fazer, porque temos toda a nossa vida, todo o nosso agir e todo o nosso ser não só com Ele, mas também n’Ele e por Ele”.¹²¹

¹¹⁸ OEA III, 15.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 6.

¹²⁰ F. CORRIGNAN, *The Spirituality of Francis de Sales*, cit., 143.

¹²¹ OEA IV, 164. Para um aprofundamento desta relação de oração como ‘coração a coração’, veja-se E. Mc DONNELL, *God Desires You*, cit., 45-55.

Profundamente influenciado pelo comentário de Gilbert Générard ao *Cântico dos Cânticos*, que revela o desenvolvimento da história de amor entre Deus e a humanidade, a oração é entendida, em consequência, não como algo que nós fazemos, mas como resposta a Deus, que nos atrai continuamente. Deus é Aquele que toma a iniciativa. Somos convidados a responder a Deus no amor; Ele nos amou por primeiro. Como afirma S. Teresinha do Menino Jesus, “a oração não é, primeiramente, uma atividade, mas uma maneira de estar com Deus. A oração tem a ver com o lugar em que o nosso coração está em cada momento da nossa vida, tanto nas provações como nas alegrias”.¹²² Em poucas palavras, a oração consiste em deixar-se possuir pelo amor de Deus. Ele quer estabelecer uma profunda amizade recíproca conosco.

Seguindo a tradição de S. Teresa de Ávila, S. Francisco considera a oração principalmente como uma amizade com Cristo,¹²³ porque Deus é “o amigo do coração humano”.¹²⁴ Para estabelecer essa amizade, precisamos não só de tempo para a oração, mas também de vivermos cientes de que certos estilos de vida facilitam ou tornam mais difícil a oração. A tradição salesiana de direção espiritual recomenda intensamente a Sagrada Escritura como instrumento privilegiado através do qual podemos encontrar a pessoa de Jesus. A ênfase teresiana na pessoa de Jesus, proposta por S. Francisco, leva-nos à necessidade de “voltar frequentemente o nosso olhar para Ele na meditação, de modo a aprender os seus caminhos e realizar todas as nossas ações segundo o seu exemplo”.¹²⁵

Nas primeiras etapas da oração, é necessário que o diretor seja mais “diretivo”, ajudando o jovem na prática da oração. Considerando o que foi dito anteriormente sobre o perigo do “método de oração” e a necessidade da “liberdade de espírito” em que o jovem é guiado pelo Espírito Santo é, contudo, útil oferecer algumas diretrizes para quem é iniciado na oração. Sob o influxo da própria experiência em relação aos Exercícios Espirituais, S. Francisco sugere algumas estruturas e paradigmas para a prática da meditação e da oração. As meditações são, em grande medida, variações dos Exercícios Espirituais que, no método inaciano,

¹²² A. REGO, *Holiness for all: Themes from St Thérèse of Lisieux*, Teresian Press, Oxford 2009, 100.

¹²³ “Para mim, a oração mental não é outra coisa senão uma relação de amizade, um encontrar-se frequentemente a sós com quem sabemos que nos ama” (Santa Teresa de Ávila, *La vita*, cap. 8, par. 5).

¹²⁴ *OEA* IV, 163-164. Cf. IV, 295; IV, 319; IV, 331; V, 19; V, 196.

¹²⁵ *OEA* III, 70.

assumem os cinco sentidos levando-os a participar da contemplação.¹²⁶ Algumas das meditações na *Introdução à Vida Devota* talvez possam parecer anacrônicas para o leitor moderno; entretanto, apesar disso, procuram envolver todas as capacidades do jovem: inteligência, vontade, imaginação e emoções. Mediante o uso da imaginação, a pessoa que medita é afetivamente envolvida e estimulada para poder dar uma resposta. Por outro lado, as boas intenções surgidas mediante a meditação devem ser colocadas em prática; caso contrário, não produzirão nenhum fruto. Isso explica por que S. Francisco, como também S. Inácio, convidam a tomar alguma resolução no final da prática da meditação, a fim de levar a oração à vida.

S. Francisco sugere seis etapas como orientação para caminhar durante o tempo da oração:

1. Procura colocar-te na presença de Deus. Recorda que Deus está próximo de ti, não distante. Ele é o verdadeiro centro do teu coração, do teu espírito. “Inicia todas as orações, sejam elas mentais ou vocais, na presença de Deus. Observa esta regra sem exceção, e logo verás como é útil”.¹²⁷ A orientação de nos colocarmos na presença de Deus como preparação à oração não é opcional na oração salesiana. Modo útil de orientar os jovens para se colocarem na presença de Deus é começar com o mantra “Eu também te amo”. Parece-me que na espiritualidade salesiana, quando nos aproximamos de Deus realmente não podemos dizer “Eu te amo”, porque a iniciativa é sempre d’Ele; só a partir d’Ele podemos dizer que existimos porque Ele nos amou. Portanto, creio que a única resposta adequada a dar a Deus é dizer: “Eu também te amo”. Este mantra tem o efeito de permitir ao jovem sintonizar-se com o amor derramado por Deus no seu coração antes de poder dirigir-se a Ele. Por meio do mantra, o jovem imerge logo na oração enquanto resposta.
2. Seguindo S. Teresa de Ávila, S. Francisco considera que as nossas dificuldades na oração dependem, sobretudo, do erro de crer que Deus está distante de nós. Colocando-nos na presença de Deus, convida-nos a pedir ao Senhor que nos ajude a estarmos atentos, a abrir-nos a nós mesmos à sua Palavra e à sua Presença.
3. Escolhe um texto da Escritura, seleciona uma cena do Evangelho, um mistério da fé, ou algum trecho de um livro de espiritualidade. Se o

¹²⁶ Ver “Applicazione dei Sensi” in *Esercizi Spirituali*, 121-126.

¹²⁷ *OEA III*, 71.

tema for adequado, imagina-te no lugar em que a ação ou o fato está se desenvolvendo. Por exemplo, imagina-te no meio daquela cena, perto de Jesus ou com seus discípulos. A alguns jovens, o uso da imaginação na oração é muito frutuoso, enquanto outros, desde o início, têm dificuldade com a meditação discursiva. S. Teresa de Ávila lamentava-se de que “Deus não lhe tinha dado capacidade para o pensamento discursivo” ou “para utilizar a imaginação com proveito”.¹²⁸ Seu itinerário de oração era a concentração e a atenção na presença de Cristo, estando convencida, mediante a fé, de que Ele estava presente no seu coração. Como “uma pessoa cega num quarto, no qual sabe que alguém está presente, mesmo se não pode vê-lo com seus olhos”.¹²⁹ Se a nossa mente começar a distrair-se, podemos levá-la amorosamente de volta a um trecho da Escritura, a uma imagem ou a um ato de fé e amor na presença de Jesus em nosso interior. Segundo S. Francisco, não nos devemos preocupar com as distrações, mas sempre recomeçar: sempre que recomeçamos, damos alegria ao Senhor.

4. A meditação, para Francisco de Sales, não consiste em estudar ou adquirir conhecimentos, mas em crer no nosso amor por Deus e entrar mais plenamente no seu discipulado. Novamente, como S. Teresa, a oração não consiste em pensar muito, mas em amar muito, estando diante de Cristo, que sabemos que nos ama.
5. Se chegarmos aos bons afetos – agradecimento pela misericórdia de Deus, temor diante da sua Majestade, dor dos pecados, desejo de crescer na fé, por exemplo – aceitá-los com prazer.
6. Vemos claramente na *Introdução à Vida Devota* o quanto S. Francisco de Sales insiste em transformar o simples desejo da Filoteia de viver o evangelho com firme resolução de fazê-lo. Por isso, sublinha a necessidade das resoluções que nascem dos afetos vividos na oração. Por exemplo, decidir-se a ser mais crente na oração, ou mais pronto ao perdão, ou mais disposto a compartilhar a própria fé com os outros, ou decidido a resistir diante do pecado, no modo mais prático e concreto possível.

¹²⁸ Santa Teresa de Ávila, *La vita*, cap. 9, par 6.

¹²⁹ S. Teresa escreve: “Era este o meu método de oração: não podendo discorrer com o intelecto, procurava representar-me Cristo no meu espírito” (*La vita*, cap. 9, par 4).

“Sobretudo depois de ter concluído a meditação, deves recordar as resoluções e decisões que tomaste e, no mesmo dia, colocá-las atentamente em prática. Esse é o grande fruto da meditação e sem ele a meditação não é apenas inútil, mas pode tornar-se até mesmo danosa. As virtudes meditadas, não sendo praticadas, apenas enfatuam a nossa mente e o nosso espírito, e acabamos por pensar que realmente só seremos o que pensamos ou decidimos ser”.¹³⁰

São Francisco recomenda concluir o tempo da meditação-oração com expressões de gratidão a Deus pelas luzes e pelos afetos que nos concedeu no tempo de oração; depois, oferecer a nós mesmos ao Senhor em união com a oferta de Jesus; e, em terceiro lugar, fazer um momento de intercessão por nós e pelos outros.

Rezar, então, é falar de coração a coração. Consequentemente, a oração não tem nada a ver com técnicas, mas trata-se de uma relação. Por isso, S. Francisco recomenda intensamente a oração do coração, ou seja, as “aspirações”, que são orações espontâneas. Com muita frequência, tendemos a deixar Deus fora das coisas ordinárias. Convidar os jovens a praticar estas orações espontâneas tem uma dupla finalidade: em primeiro lugar, propiciar o aumento da amizade com Cristo; em segundo lugar, começar a reconhecer mais claramente a presença constante de Deus em nossa vida cotidiana. Segundo a minha experiência, é difícil envolver os jovens numa forma constante de orações de “aspiração” sem o fundamento de uma oração mental regular, como dissemos acima.

A experiência de aridez ou secura espiritual na oração é vivida, às vezes, também pelos jovens, em particular por aqueles que se habituaram a rezar regularmente. Com frequência, a falta de sentimentos na oração é interpretada pelo jovem como se não mais rezasse como deveria fazê-lo, ou, então, sentindo a tentação de deixar de rezar. S. Francisco escreve:

“Não percas tempo durante a oração, procurando compreender com exatidão o que estás a fazer ou como estás rezando; porque a melhor oração é aquela que nos permite estar tão empenhados com Deus, a ponto de nem mesmo pensarmos em nós, ou naquilo que estamos fazendo” [...]. Não devemos ser como “a esposa que se detém a contemplar o anel, sem contemplar o esposo que o deu”.¹³¹

Entretanto, devemos explicar ao jovem que a aridez é um fenómeno normal no itinerário da oração. É um convite a viver com maior profundidade a con-

¹³⁰ *OEA* III, 83.

¹³¹ *OEA* IV, 336.

vicção de que Deus leva adiante a sua obra na penumbra; e a falta de emoções não deve ser considerada como termômetro da oração. É um movimento que vai dos sentidos ao espírito, em que a parte sensorial da pessoa (gratificação sensível) começa a desaparecer enquanto as riquezas da alma são transferidas para o espírito. Mais do que um sinal de diminuição da oração, esta experiência indica que Deus começa a ser sempre mais o Agente, e a pessoa humana, aquela que recebe. Indica uma maior pureza da oração, na medida em que esta não é avaliada por aquilo que dela recebemos, justamente porque procuramos “o Deus das consolações, e não as consolações de Deus”.¹³²

Bom exemplo disso é a descrição da experiência de aridez na oração vivida por S. Joana Francisca, feita por S. Francisco através da parábola do músico surdo.¹³³ Recorda-lhe que ela é como um músico surdo, chamado para tocar diante do rei. O músico alegra-se vendo como o rei aprecia a sua música, mas quando o rei vai embora, é-lhe pedido para continuar a tocar, mesmo não podendo escutar a si mesmo ou perceber as reações do rei. Esta experiência leva a pessoa que reza por um caminho sempre mais profundo em vista do puro amor.

Para S. Francisco, a oração e a vida são uma só coisa, muito semelhante à maneira com que o espirar segue o respirar. Nós respiramos no amor de Deus mediante a oração (amor afetivo) e espiramos, emitindo o amor por meio do serviço aos nossos irmãos (amor efetivo).¹³⁴ A oração autêntica leva-nos de modo plenamente normal ao serviço desinteressado, inflamando um amor que é realmente caridade. Semelhante a qualquer relação humana, somos transformados e modelados por Deus por meio da oração, permanecendo em comunicação com Ele. “A oração expande-nos para além dos limites do amor e assim fazendo transforma-nos ainda mais à semelhança de Jesus, mediante a união com Ele”,¹³⁵ permitindo-nos compreender por que a oração é essencial no itinerário espiritual salesiano para deixar que “Jesus viva” em nós. Por meio da oração, transformamo-nos em Deus por meio do amor, assumindo o mesmo coração de Cristo, de modo que podemos responder às situações da vida com o amor e a compaixão de Jesus. Na terminologia salesiana, este movimento extático que nos leva a sair de nós mesmos através do amor para os outros é chamado de “o êxtase da ação”.

¹³² OEA V, 142.

¹³³ *Ibid.*, pp. 137-138.

¹³⁴ OEA IV, 301-302.

¹³⁵ A. REGO, *Holiness for all*, cit., 100.

5.4. O êxtase da ação: o amor desinteressado

“Sendo o coração a fonte de todas as nossas ações, estas serão como é o coração”.¹³⁶

S. Francisco começa a partir de dentro, da vontade e do coração, mas apressa-se a indicar que a vontade conduz ao amor e, conseqüentemente, o amor não pode permanecer como desejo interior, devendo manifestar-se na ação. Há uma relação visível entre o interior e o exterior: aquilo que eu faço revela quem eu sou. A espiritualidade salesiana envolve-se em todas as nossas ações. Nenhuma ação em si mesma é trivial. Todas as nossas ações podem e devem ser inspiradas pelo amor. Uma das tarefas da direção espiritual na tradição salesiana é justamente animar os jovens a irem mais além de si mesmos, pelos atos de amor que se apresentam normalmente em nossa vida cotidiana.

O amor é sempre e ao mesmo tempo “interior” e “exterior”, assim como é sempre “afetivo” e “efetivo”. Esta verdade é sintetizada na frase salesiana, tirada do *Cântico dos Cânticos*: “Guarda-me como o sinete sobre teu coração, como o sinete sobre teu braço” (Ct 8,6). O que S. Francisco entende com esta expressão é que a espiritualidade verdadeira e autêntica é a do amor que se manifesta na ação. Por isso, Francisco é muito cauteloso diante daqueles que concebem a espiritualidade mais em termos de alteração da consciência ou de um simples “sentir-se bem”. Não somos capazes de controlar como nos sentimos, mas podemos controlar aquilo que decidimos fazer. Não precisamos sentir amor para fazer obras de amor. Sentir-nos bem ou ter uma experiência religiosa extraordinária não é critério para julgar a autenticidade da própria espiritualidade. Para pôr os pés no chão, S. Francisco recorda-nos que não é o voo das experiências místicas que garante a santidade, mas o fazer as coisas por amor. Portanto, a pessoa a quem menos sentimos amar é aquela que constitui um desafio para o nosso amor, mais do que qualquer outro sentimento místico que possamos ter. Sobre isso, está muito de acordo com S. Teresa de Ávila; ela repetia que a garantia da santidade não são as experiências místicas, mas as boas obras.¹³⁷

¹³⁶ OEA III, 23.

¹³⁷ Em S. Teresa, a tarefa mais elevada da oração é idêntica ao êxtase através da caridade em Francisco: “Se a alma se entretém frequentemente com Ele, como seria obrigatório, acaba por esquecer-se de si mesma para esgotar todas as suas preocupações na busca do melhor modo de satisfazê-lo e em saber em quais coisas e por quais caminhos possa demonstrar-lhe o amor que lhe tem [...]. A isto tende o matrimônio espiritual: produzir obras e obras [...]. Rezemos não para nos deleitarmos, mas com o objetivo de recolher novas energias para servir ao Senhor. [...] Marta e Maria devem manter

A pedra angular, à qual sempre retornamos, é o lema salesiano “viver Jesus”. Isso constitui a maneira de viver a nossa vocação batismal, através da qual vivemos unidos com Cristo. A “nossa vida toda consiste em fazer com que esta realidade se torne sempre mais viva. Devemos procurar ser, cada dia mais, aquilo que já somos pelo batismo e aquilo que Jesus é por natureza: o Filho de Deus”.¹³⁸ “Viver Jesus” não é, pois, apenas um pensamento piedoso, mas deve ser entendido, antes de tudo, como o mesmo amor de Jesus que se esvazia de si mesmo, alcançando seu ápice na entrega sobre a cruz, em plena conformidade com a vontade do Pai. Ao diretor espiritual é confiada a missão de conduzir o jovem para o mistério da morte e ressurreição de Jesus. Isso envolve o “abandono amoroso”, que só é possível se o seu Amor vive em nós e se estamos certos de sermos “os amados, nos quais o Pai se compraz”. Essa é a “liberdade dos filhos que são profundamente amados”, de modo que possamos “afastar o nosso coração cristão de todas as coisas, para poder conhecer e seguir a vontade de Deus”.¹³⁹

Se desapegarmos o nosso coração, será apenas para uni-lo mais plenamente a Jesus; por isso, a espiritualidade salesiana pode ser considerada de várias formas como espiritualidade da união. Nós não nos centramos naquilo que renunciamos, mas em Jesus; é por Ele que queremos sacrificar-nos. Como Jesus, isso se dá através do caminho da cruz, porque envolve morrer para nós mesmos, o que só se torna evidente no serviço desinteressado. É por essa razão que aquilo que indica o nosso crescimento espiritual não está apenas nos sentimentos intensamente religiosos, mas no esvaziar-nos a nós mesmos para servir aos outros. Como tal, “o êxtase da ação pode existir sem o êxtase na oração”.¹⁴⁰ O contrário, porém, não é verdadeiro, pois “jamais existiu um santo que não tivesse o êxtase da vida e das ações, obtido mediante o ir além de si mesmo e das próprias inclinações naturais”.¹⁴¹ Por meio desta transformação em Cristo, obtida através do fogo do Espírito, o jovem começa a perceber a chama que atua em si. Entra mais plenamente no itinerário da santidade, por meio do qual Jesus vive nele.

o ritmo; para a verdadeira hospitalidade também devem dar algo de comer ao Senhor. [...] Por que a alma da oração é a caridade, sempre em busca de oportunidades providenciais de agir ou sofrer, de modo que possa agradar ao Senhor” (*Il Castello Interiore, Settime Mansioni*, cap. 4, pars. 6 e 12).

¹³⁸ F. CORRIGNAN, *The Spirituality of St Francis de Sales*, cit., 12.

¹³⁹ OEA XII, 363. Carta to Jane Frances de Chantal, 14th October, 1604.

¹⁴⁰ J. S. LANGELAAN, “Ecstasy of Action”: *Review for Religious* 36 (1977) 270.

¹⁴¹ OEA V, 30.

CONCLUSÃO

Há, sem dúvida, guias espirituais na tradição salesiana; mas podemos falar de um método característico que seja claramente reconhecido como ‘salesiano’? O que há é um itinerário inaciano de direção espiritual, baseado fundamentalmente no esquema e nos paradigmas dos Exercícios Espirituais.¹⁴² Os amplos escritos de S. Francisco de Sales, particularmente as suas *Cartas*, a *Introdução à Vida Devota* e o *Tratado do Amor de Deus* oferecem uma extraordinária sabedoria para o itinerário espiritual, mas não um “método” enquanto tal. Mais ainda: a insistência na “liberdade de espírito” através da exaltação da simplicidade, com a sua desconfiança natural por um método, parecem ir contra todo método estruturado de direção espiritual. O que se torna ainda mais evidente levando-se em conta a sua insistência no coração como ponto de partida para o itinerário espiritual. O que pode ser mais pessoal e único do que o coração humano? Mesmo que já saibamos tudo isso, procurei, não obstante, oferecer um modelo que corresponda à direção espiritual na tradição salesiana.

O ponto de partida é claro: começar com o coração. A meta que se quer alcançar é igualmente clara: a união da nossa vontade com a vontade do Pai, imitando Jesus. Como podemos caminhar, a partir do coração até a união com Deus? S. Francisco não nos oferece uma abordagem estruturada, mas indiquei alguns de seus aspectos essenciais que podem ser utilizados como um mapa nessa viagem. Sublinhei especialmente os dois polos da resistência e da atração. A nossa resistência à vontade de Deus procede, sobretudo, do pecado, do amor-próprio e dos desejos desordenados. Se quisermos levar a cumprimento o crescimento espiritual é preciso que tudo isso seja identificado, estando cientes disso e procurando superá-lo por meio da característica bondade (*amorevolezza*) salesiana. Ao mesmo tempo, o caminho pelo qual Deus procura atrair o nosso coração com suas inspirações deve ser identificado e levado adiante por meio de decisões concretas na vida cotidiana do jovem. A abertura a estas inspirações torna-se possível através da oração do coração (vocal e mental) e do serviço desinteressado (o êxtase da ação). Atuando dessa maneira, sob a orientação do Espírito Santo, o coração do jovem transforma-se progressivamente, de modo que Jesus possa viver nele/nela. Nossa verdadeira vida, portanto, está escondida em Cristo, a ponto de se

¹⁴² M. WRAY, “The Map of the inner journey: Spiritual Direction from a Carmelite perspective”: *Mount Carmel* 59 (Jan-March, 2011) 24.

viver “uma vida que é normal em todas as suas expressões exteriores”.¹⁴³ Através deste processo nós nos “descentramos” de maneira progressiva, pois o nosso centro de gravidade orienta-se de nós para Jesus, que começa a viver em nosso interior. Isso nos leva à meta da direção espiritual na tradição salesiana que consiste em “deixar que a nossa vida se encontre no coração, onde habita Deus”.¹⁴⁴ A transformação interior revela-se na vida do jovem como uma superabundância de amor em favor dos outros, com um espírito de compaixão que manifeste Cristo.

¹⁴³ *OEA* III, 6.

¹⁴⁴ São Bernardo, *De Diversis*, 5,4.